XA
.64
.848P

FABULAS

DE ESOPO.

FABULAS

DE ESOPO,

COM APPLICAÇÕES MORAES

A CADA FABULA.

Nova edição revista e emendada.

PARIS,

NA TYPOGRAPHIA DE PILLET FILS AINÉ,

RUA DE GRANDS-AUGUSTINS, N. 7.

1848.

.64
.848P

VIDA

DE ESOPO.

Esopo, Fabulador antigo e famosissimo, segundo as mais opiniões foi natural de Phrygia, Provincia de Asia. As feições do corpo erão mais monstruosas que humanas, porque além de ter o rostro feio e deforme, o corpo pequeno, a cabeza grande e fóra de proporção, era zambro, corcovado e sobre tudo tartamudo. Mas como a natureza a cada hum deo particular dote, foi Esopo dotado de tão agudo engenho, que com a alteza delle se lhe

apagarão bastantemente todas as faltas corporaes.

Sendo captivo por Gregos, veio a Athenas, onde servia a hum Cidadão rico, por nome Aristes, com outros em huma horta de cavar e adubiar: onde como todos o maltratassem e desprezassem, e o maioral dos trabalhadores lhe désse muitas pancadas, queixava-se Esopo, dizendo que faria queixumes daquelle aggravo a seu senhor Aristes, e de outros crimes que no maioral tinha notado, o qual com este medo se adiantou, e persuadio a Aristes, que para quietação de seus escravos tirasse a Esopo de entre elles, e que o vendesse. Fêlo Aristes assim, e o vendeo a hum mercador grosso forasteiro, que

alli mesmo residia, o qual o levou a huma casa, onde tinha outros muitos, que, quando o virão, tiverão asco de andar em sua companhia. Hum dizia que era bom aquelle escravo para fazer callar meninos, outros que para servir em casa de homem cioso, e outras muitas cousas desta maneira.

Acaso mandárão em presente ao mercador hum prato de figos formosos, que elle estimou por serem fóra de tempo, e mandou-os pôr a bom recado, para comer em principio do jantar. Tres escravos tentados da gula se conjurárão para comerem os figos, e pôrem a Esopo a culpa, crendo que culpado por tres testemunhas não poderia defender-se. Assim os comêrão com

muita festa, zombando do pobre innocente, que com açoutes os havia de pagar. Chegada a hora de comer, pedio o Senhor os figos, e foi-lhe respondido (como tinhão concertado) que Esopo os comera todos. Indignou-se o Senhor, e chamando-o lhe disse: Animal feio e bruto, que atrevimento foi o teu em comeres os figos, que mandei guardar para mim? E com isto o mandou despir para ser açoutado. O pobre Esopo não sabendo que fizesse, porque a lingua não o deixava desculpar em breve, e a colera do Senhor não dava tregoas nem espaço, remetteo com huma panella de agua, que acaso estava ao fogo, e bebendo quantidade della muito quente, metteo os dedos na

boca, com que revolveo o estomago, e a tornou a lançar clara, mostrando estar em jejum, com o qual feito desmentio seus accusadores. Maravilhado o Senhor desta industria, e vendo sua innocencia, obrigou os outros a que fizessem o mesmo, e como se cumprisse, os que comêrão figos, os vomitárão com a agua juntamente, e forão por isso, e pelo falso testemunho castigados.

Convinha ao mercador partir-se dalli tres jornadas, onde se havia de embarcar para a ilha de Samos, e faltando-lhe bestas de carga, foi forçado repartir o fato pelos escravos. Mas como Esopo era pequeno e fraco, deo-lhe a escolher a carga, que se atrevesse a

levar. Era o mais pezado fardo de todos huma canastra grande cheia de mantimento, a qual elle escolheo, rindo-se todos, e cuidando que não poderia levala: partírão seu caminho, e como no fim da primeira jornada comessem, alliviárão hum pedaço a canastra, com que ficou igual dos outros; mas ao segundo dia a despejárão de todo, e levando-a vazia, conhecêrão todos o seu erro, e a manha discreta, com que Esopo escolheo a carga.

Embarcou-se o mercador, e chegou a Samos, onde poz sua fazenda em almoeda, e os escravos juntamente. Estavão em huns alpendres, onde a feira se fazia, Esopo com dous companheiros, e ninguem fazia delle caso para o

comprar, inda que muitos o olhavão por riso. Chegou hum Cidadão, e perguntou a hum dos companheiros que sabia fazer para o comprar? Respondeo-lhe : Senhor, tenho muitas partes, sei pensar cavallos bem, e servir em tudo o de casa, sou grande hortelão e bom lavrador, e em toda a cousa de campo ninguem me fará vantagem; tambem sou bom ferrador, alveitar, e entendo de ferreiro. Com isto chegou a outro, e perguntou-lhe o mesmo, respondeo : Eu, Senhor, sou destro em todas as cousas necessarias, e nenhuma me mandarão fazer, a que não dê bom expediente. Correndo mais adiante, perguntou a Esopo que sabia? Respondeo : Eu nada sei, por-

que como meus parceiros tomárão o saber de tudo, não me ficou que saber a mim. Disto rírao muito todos os presentes, e hum Philosopho, por nome Xanto, que alli passeava, o comprou e levou para sua casa: o qual como hum dia com seu novo escravo fosse passear por huma horta, o hortelão lhe fez esta pergunta: Dizei-me, Senhor, que razão ha para que cresção e sejão sempre viçosas as hervas, que esta terra cria, e as que eu semeio, cavo, rego e adubio, se murchem mais prestes, e fructifiquem menos. Ficou atalhado o Philosopho, e não soube responder; o que Esopo vendo, lhe disse de parte, que elle satisfaria á pergunta, por tanto que lhe commettesse a cargo o dar

resposta; então o Philosopho disse contra o hortelão: Não he dúvida essa para se pôr a hum homem como eu, este escravo, que aqui vem, responderá a ella; e logo lhe mandou que respondesse. A razão da dúvida, disse Esopo, he esta: As hervas, que a terra voluntariamente produz, são filhas suas, e como taes as cria e conserva; as que vós semeais são enteadas, que a madrasta nunca com tanto gosto as alimenta: por tanto não he de espantar, se nos proprios filhos se enxerga vantagem no mimo, e criação differente dos enteados. Satisfez-se o hortelão, e espantou-se o Philosopho do engenho e agudeza do criado.

Tinha Xanto muitos discipulos ho-

mens graves, e costumavão huns a outros banquetear-se. Quiz Xanto darlhes hum banquete, e porque tinha a mulher aspera, e pouco affeiçoada a obedecer-lhe, nem querer agazalhar os hospedes, depois de comprar o necessario, encarregou a Esopo de concertar a casa e a meza. Aconteceo que chegando-se as horas da cea começou elle a preparar seu aposento, e com muita limpeza, ordenou a meza, e poz nella algumas cousas, antes que os convidados viessem, nem seu amo. Era tempo frio, e havia na casa hum brazeiro grande com fogo, ao qual a mulher chegou a aquentar-se carregada e de máo semblante, e encostou-se ao longo delle, com as cóstas para a me-

za. Esopo lhe pedio quizesse olhar para a meza, não lha descompozesse algum cão ou gato; ella disse que o faria: segunda vez lhe rogou o mesmo, e que virasse o rosto para vêr; do que ella indignada respondeo, que andasse em má hora, e não fosse importuno, que tambem tinha os olhos detraz. Calou-se Esopo, foi-se, e tornando dahi a pedaço, como a achasse dormindo, mansamente descobrio o lugar, em que ella disse que os olhos estavão. Não tardou muito Xanto com seus hospedes, que entrando no aposento virão muito bem quanto mal composta a mulher estava, e ficou affrontado o Philosopho, e perguntando a causa a Esopo, elle lhe contou o que se pas-

sara, de que se indignou mais; e acordada a senhora, se foi muito vergonhosa, e com grande odio contra Esopo.

Corridamente agasalhou Xanto seus discipulos, e logo propoz de lançar de casa Esopo: mas sendo convidado delles outra vez, e ceando largamente, como se esquentasse com o vinho mais do necessario, começou a fallar demasias, e entre ellas affirmou que beberia o mar todo: contradisserão os discipulos, e elle porfiou, até que apostárão grande somma de dinheiro, e Xanto deo de sinal o seu annel. Ao outro dia, resfriado já do furor, achou o annel menos, e perguntou por elle. Respondeo Esopo: Como Senhor, não vos lembra que o déstes hontem de sinal

sobre a aposta que fizestes de beberdes o mar todo? Como he possivel, disse Xanto, que eu fizesse tal proposta, quem póde beber o mar? Isso não sei, disse Esopo, mas vós apostastes. Ficou Xanto confuso da aposta que fizera, sem lhe poder achar sahida, até que Esopo vendo-o tão triste, lhe disse: Senhor, não vos agasteis, descançai, que eu vos tirarei dessa affronta, e farei que ganheis o dinheiro. Alegrou-se com isto Xanto, e vindo o dia limitado, vierão os discipulos a dizer-lhe que cumprisse o que ficara, ou dando-se por vencido pagasse o dinheiro. Xanto respondeo que era contente, e informado por seu escravo do que havia de fazer, se foi com elles á borda

do mar, onde pozera a meza e copos, estando em roda a gente toda da Ilha, que se abalou a ver maravilha tamanha, como era querer hum homem recolher o mar em seu estomago. Prestes todo o necessario, começou Xanto a fallar ao povo, dizendo: Varões de Samos, eu apostei com estes discipulos que havia hoje de beber este mar todo; respondão elles se he verdade, e se bebendo-o eu, cumprirei o promettido, e elles se darão por vencidos? Todos respondêrão que sim. Disse então Xanto: Pois que assim he, e eu fiquei de beber o mar, prestes estou a cumprilo; mas elles hão de cerrar primeiro todos o rios, que no mar entrão, e entupir-lhes as bocas, porque eu me

obriguei a beber o mar, mas não a multidão de rios, que entrão nelle: por tanto se querem que eu cumpra o que fiquei, he forçoso que elles primeiro impidão a corrente de quantos rios fazem para aqui seu curso. Não souberão responder os discipulos a isto, e o povo louvou muito a resposta do Philosopho, e todos o derão por livre da aposta, e tornou para casa mais acreditado que d'antes. Outros muitos casos succedêrão a Esopo com Xanto, que deixo por brevidade, até que veio a ser livre, e governar a Samos, onde compoz em lingua grega este volume de Fabulas.

Depois, como o Rei Creso de Lydia quizesse conquistar Samos, por seu

conselho e industria se defendêrão os visinhos muito tempo : porém vendo-se muito apertados, e que Creso offerecia a paz, se lhe entregassem Esopo; derão-lho, ainda que Creso não guardou depois palavra, como Esopo antes tinha adivinhado, e logo os poz em sujeição. Não quiz Creso matar a Esopo, antes o tinha em sua casa favorecido, porque se ajudava muitas vezes de seu conselho e habilidade.

Viveo Esopo em Lydia muito favorecido, e depois correo toda a Grecia, onde lhe succedêrão varios casos, que aqui se não contão. Mas em todas as partes, por sua fama e sabedoria o venerárão, só em Delphos não usárão com elle esta cortezia e primor. E co-

nhecendo ter errado, porque elle não os affrontasse infamando-os e divulgando em Grecia sua descortezia, determinárão matalo, e accrescentando hum mal a outro, lhe levantárão certo falso testemunho, porque o condemnárão a ser despenhado: e com muita brevidade, sem lhe valer allegar sua innocencia, foi posto sobre o cume de huma alta roca, e lançado dalli, chegou a baixo em mil pedaços. Todas as Cidades gregas sentírão muito a sua morte, e pouco tardou que Delphos foi destruida em vingança, segundo dizem, desta injustiça e traição.

FABULAS
DE ESOPO.

FABULA I.

O Gallo e a Perola.

Andava o Gallo esgravatando no monturo, para achar migalhas ou bichos que comer, e acertou de descobrir huma pedra, então : O' Pedra preciosa, ainda que em lugar sujo, se agora te achara hum discreto Lapidario, te recolhera; mas a mim não me prestas: mais caso faço de huma migalha, que

busco para meu sustento, ou dous grãos de cevada. Dito isto, a deixou, e foi por diante esgravatando para buscar conveniente mantimento.

MORALIDADE.

Os necios, despresando os documentos proveitosos e doutrina moral, que debaixo das Fabulas se encobre, fazem o que fez este Gallo; buscão cousas baixas, cevada e migalhinhas; convem a saber, a casca das cousas, e as historias deste Livro, e despresão a pedra preciosa da doutrina, que nellas Esopo nos quiz ensinar. Para que nós não sejamos do numero destes, vamos de cada Fabula tirando huma lição mo-

ral, tocante ao bom governo de nossa vida.

FABULA II.

O Lobo e o Cordeiro.

Estava bebendo hum Lobo encarniçado em hum ribeiro de agua, e pela parte debaixo chegou hum Cordeiro tambem a beber. Olhou-o o Lobo de máo rosto, e disse reganhando os dentes: Porque tiveste tanta ousadia de me turvar a agua, onde estou bebendo? Respondeo o Cordeiro com humildade: A agua corre para mim, por tanto não posso eu torvar-vola. Torna o Lobo mais colerico a dizer: Por isso me has de praguejar? Seis mezes haverá que

me fez outro tanto teu Pai. Respondeo o Cordeiro : Nesse tempo Senhor, ainda eu não era nascido, nem tenho culpa. Sim tens, replicou o Lobo, que todo o pasto de meu campo estragaste. Mal póde ser isso, disse o Cordeiro, porque ainda não tenho dentes. O Lobo, sem mais razões, saltou sobre elle, e logo o degolou e o comeo.

MORALIDADE.

Claramente mostra esta Fabula que nenhuma justiça, nem razões valem ao innocente, para o livrarem das mãos do inimigo poderoso e desalmado. Poucas Cidades ou Villas ha, onde não haja estes Lobos, que sem causa, nem razão, matão ao pobre, e lhe chupão

o sangue, só por odio ou má inclinação.

FABULA III.

O Lobo e as Ovelhas.

Havia guerra travada entre Lobos e Ovelhas; e ellas, ainda que fracas, ajudadas dos rafeiros, sempre levavão o melhor. Pedirão os Lobos paz, com condição que darião de penhor seus filhos, e as Ovelhas que tambem lhes entregassem os rafeiros. Assentadas as pazes com estas condições, os filhos dos Lobos huivavão rijamente. Acodem os Pais, tomão isto por achaque de ser a paz quebrada; e tornão a renovar a guerra. Bem quizerão

defender-se as Ovelhas; mas como sua principal força consistia nos rafeiros, que entregárão aos Lobos, facilmente forão delles vencidas e todas degoladas.

MORALIDADE.

Ensina esta Fabula que ninguem entregue as armas a seus inimigos, antes tenha a paz por suspeitosa, quando com sob cabeça della lhas pedem, e recêe de ser tomado ás mãos como as Ovelhas. Tambem nos avisa quanto perigo he metter em casa inimigos, ou filhos de inimigos, como fizerão as Ovelhas, que querendo estar mais seguras com terem os filhos dos Lo-

bos em casa, elles forão causa da sua destruição.

FABULA IV.

O Rei dos Bugios e dous Homens.

Caminhavão dous companheiros; tendo perdido o caminho, e depois de terem andado muito, chegárão á terra dos Bugios. Forão logo levados ante o Rei, que vendo-os lhes disse: Na vossa terra, e nessa por onde vindes, que se disse de mim e do meu Reino? Respondeo hum dos companheiros: Dizem que sois Rei grande de gente sabia e lustrosa. O outro, que era amigo de fallar verdade, respondeo: Toda vossa gente são Bugios irracionaes, forçado

he que o rei tambem seja Bugio. Como isto ouvio o Rei, mandou que matassem a este, e ao primeiro fizessem mimos e tratassem muito bem.

MORALIDADE.

Verifica-se nesta Fabula o que diz Terencio, que a verdade causa odio, e fallar á vontade ganha amigos. Com o Rei necio não medrão sabios nem virtuosos, senão chocarreiros e lisongeiros; e daqui vem no mundo, que de ordinario os bons são sopeados e obedecem aos máos, que o Rei Bugio tem odio a quem o desengana, e o que mente, como aqui fez o primeiro companheiro, este só he favorecido.

FABULA V.

A Andorinha e outras Aves.

Semeavão os homens linho, e vendo-os a Andorinha, disse aos outros passaros : Por nosso mal fazem os homens esta seara, que desta semente nascerá linho , e farão delle redes e laços para nos prenderem. Melhor será destruirmos a linhaça e a herva que della nascer, para que estejamos seguras. Rírão-se as Aves deste conselho, e não quizerão tomalo. O que vendo a Andorinha, féz pazes com os homens, e se foi viver em suas casas. Elles fizerão redes e instrumentos de caça, com que tomárão e prendêrão todos os

passaros, tirando só a Andorinha, que ficou privilegiada.

MORALIDADE.

Na Andorinha se denota o homem prudente, que fica livre dos trabalhos, se os adivinha antes que venhão : e os que querem viver a seu gosto, sem tomarem conselho, nem preverem o mal, que está por vir, são caçados, e pagão sua ignorancia pelo corpo.

FABULA VI.

O Rato e a Rã.

Desejava hum Rato passar hum rio, e temia por não saber nadar. Pedio ajuda a huma Rã, a qual se offereceo

delo ante tempo, do que pagou o que não comera, e ficou núa padecendo as neves e frios do inverno.

MORALIDADE.

Parece que já, no tempo que Esopo compoz esta Fabula, adivinhava o que hoje passa em muitos lugares, onde roubão aos pobres e fracos as honras e fazendas, com falsos testemunhos de homens desalmados, conjurados para roubarem o alheio. Que em nenhum lugar, contra bons homens e ovelhas faltão Lobos e Milhanos, que os dispão e lhes chupem o sangue.

FABULA IX.

O Cão e a Carne.

Levava hum Cão na boca hum pedaço de carne, passava com ella hum rio, e vendo no fundo da agua a sombra da carne maior, soltóu a que levava nos dentes, por tomar a que via dentro na agua. Porém como o rio levou para baixo com sua corrente a verdadeira, levou tambem a sombra, e ficou o Cão sem huma e sem outra.

MORALIDADE.

Este Cão significa o cobiçoso, que muitas vezes, por haver maiores interesses, arrisca o seu, e perde tudo:

por onde diz bem o proverbio : Mais vale passaro em mão, que abutre voando.

FABULA X.

A Mosca sobre a Carreta.

Sobre hum carro de mulas carregado pousou huma mosca, e achou-se tão altiva de ir a seu gosto alta, que começou a fallar soberba contra a mula, dizendo que andasse depressa senão que a castigaria, picando-a onde lhe doesse. Virou a mula o rosto dizendo : Calla-te, parvoa sem vergonha, que não temo, nem me podes fazer nada, o medo que me causa he do carreteiro, que leva na mão o açoite, que tu só

com importunações podes cançar-me, sem me fazer outro mal.

MORALIDADE.

Mostra esta Fabula a natureza de alguns, que não tem mais que lingua, e com ella porfiando e contradizendo, canção e importunão a todos, querendo-se mostrar de muito negocio e importancia, e que valem e podem, e sustentão o pezo da República.

FABULA XI.

O Cão e a Imagem.

Buscando de comer o Cão, acertou de achar huma Imagem de homem muito primorosa e bem feita de pa-

pelão com côres vivas. Chegou o Cão a cheirar por vêr se era homem que dormia. Depois deo-lhe com o focinho, e vio que se rebolava, e como não quizesse estar queda, nem tomar assento, disse o Cão : Por certo que a cabeça he linda, senão que não tem miolo.

MORALIDADE.

Imagem pintada he o homem ou mulher, que só dos atavios de seu corpo trata, e não procura ornar a alma, que he muito mais preciosa. Notão-se nesta Fabula as pessoas, cujo cuidado todo se emprega em enfeites e côres superfluas, de fóra formosas, mas na cabeça falta miolo, e no processo da vida socego e quietação.

FABULA XII.

O Leão, Vaca, Cabra e Ovelha.

Fizerão parceria hum Leão e huma Vaca, Cabra e Ovelha, para que caçassem de mão commum e partissem o ganho. Correndo sobre este concerto, achárão hum Veado, e depois de terem andado e trabalhado muito, o matárão. Chegárão todos cançados, e cobiçosos da preza, e fizerão-o em quatro partes iguaes. O Leão tomou huma, e disse : Esta he minha conforme o concerto; estoutra me pertence por ser mais valente de todos; tambem tomarei a terceira, porque sou rei de todos os animaes, e quem na quarta bol-

lir, tenha-se por meu desafiado. Assim as levou todas, e os parceiros se achárão enganados e com aggravio; mas soffrêrão por serem desiguaes na força ao Leão.

MORALIDADE.

Parceria e amizade quer-se entre iguaes, e o casamento tambem; conforme o Philosopho, que o mandou aprender aos meninos que dizião brincando: Cada hum com seu igual; porque quem trava amizade com maior, faz-se escravo seu, e lhe ha de obedecer ou perder pelo menos a amizade, na qual o trabalho sempre he do mais fraco, a honra e proveito do mais poderoso.

FABULA XIII.

O Casamento do Sol.

Dizem que em certo tempo desejou o Sol de se casar, e todas as gentes, aggravadas disso, se forão queixar a Jupiter, dizendo : Que no Estio trabalhosamente soffrião hum Sol, que com seus raios os abrasava, donde inferião e provavão que se o Sol casasse e viesse a ter filhos, queimaria o mundo todo; porque hum Sol faria Verão calmoso na India, outro em Grecia, outro na Noruega e terras septentrionaes; pelo que sendo todas as tres zonas torridas não terião gentes onde viver. Visto isto por Jupiter, mandou que não casasse.

MORALIDADE.

Todos os homens tem obrigação de estorvar que se multiplique o numero dos máos e desalmados, e dos que desafforadamente fazem aggravos a seu proximo, como nesta Fabula se finge que era o Sol, e devem pedir a Deos que os emende ou os tire do mundo, e dar favor á justica, para que possa castigalos.

FABULA XIV.

O Homem e a Doninha.

Hum Homem que caçava Rato, prendeo na armadilha huma Doninha. Ella vendo-se em seu poder, lhe disse que a

soltasse, e allegou razões, dizendo que ella nenhum mal lhe fazia, antes lhe alimpava a casa de ratos e bichos, e sempre por lhe fazer bem os andava matando. Respondeo o homem : Se tu por fazer bem o fizeras, devia-te eu agradecimento; mas como o fazes pelo comer, não te devo nada, antes te quero matar, que se elles te faltarem, comer-me-has o meu , peior do que o fazem os mesmos ratos.

MORALIDADE.

Do que os homens fazem por seu respeito nenhum agradecimento se lhes deve; que a boa obra ha de ser voluntaria e não acaso, para que obrigue a quem a recebe. Esta Doninha he como

muitos homens que até as más obras que fazem, querem vender com boas palavras e que se lhes fiquem devendo. Porém a intenção dá á obra os quilates: quem me deo huma lançada por me matar, e me abrio o apostema, que me matava, não foi amigo, posto que me causou saude. Porém devo-a só a Deos, que por mão do inimigo ma quiz dar.

FABULA XV.

A Bogia e a Rapoza.

Rogava a Bogia á Rapoza que cortasse a metade do seu rabo, e lhe désse, dizendo: Bem vês que o teu rabo arroja e varre a terra, e he defeito por demasiado: o que delle sobeja me po-

des prestar a mim, e cobrir-me estas partes que vergonhosamente trago descobertas. Antes quero que arroje, disse a Rapoza, e varra o chão, e me seja pesado, que aproveitares-te tu delle. Por isso não to darei, nem quero que cousa minha te preste. E assim ficou sem elle a Bogia.

MORALIDADE.

Semelhantes são a esta Rapoza todos os invejosos, que deixarão de escarrar, se souberem que presta o seu cuspinho, e todos os avarentos, que do muito que em sua casa sobeja não querem partir com o pobre que lhes mostra sua necessidade, como aqui a Bogia mostra á Rapoza.

FABULA XVI.

Juno e o Pavão.

Veio o Pavão a Juno muito queixoso, dizendo por que razão o Rouxinol havia de cantar melhor que elle, e terlhe outras muitas vantagens? Disse Juno que não se agastasse; que por isso tinha elle as pennas formosas, cheias de olhos, que parecião estrellas. Isso he vento, replicou o Pavão, mais tomara saber cantar. Juno respondeo : Não podes ter tudo. O Rouxinol tem voz, a Aguia força, o Gavião ligeireza, tu contenta-te com tua formosura.

MORALIDADE.

Prova-se nesta Fabula o que fica dito no principio da vida de Esopo; que nenhum ha desamparado de natureza e sem graça particular; que Deos, author da mesma natureza, creou os homens, e repartio por elles seus dotes. Huns faz valentes e outros ligeiros; hum he bom pintor, outro musico déstro, outro tem seu dote no entendimento. Ensina logo esta Fabula que ninguem se ensoberbeça da graça particular de que he dotado, nem tenha inveja das boas obras dos proximos, antes com tudo e por tudo dê louvores a seu Deos e Creador.

FABULA XVII.

O Lobo e o Grou.

Comendo o Lobo carne, atravessou-se-lhe hum osso na garganta, que o affogava. Estando nesta affronta, pedio ao Grou que lhe valesse nella, e com seu pescoço comprido lhe tirasse do papo o osso. Fêlo o Grou, tirou-lhe o osso, e estando livre o Lobo, pedio-lhe alguma parte do muito, que antes se offerecia a lhe dar. Porém o Lobo lhe respondeo. Oh ingrato! Não me agradeces que te tivesse mettida a cabeça dentro na minha boca, e que podera apertar os dentes e matar-te. Não me peças paga; que obrigado me fi-

cas, e assaz es de ingrato em não reconheceres tão grande beneficio. Callou-se o Grou, e foi muito arrependido do que fizera, dizendo : Nunca mais por gente ruim metterei a cabeça e vida em semelhante perigo.

MORALIDADE.

Beneficios feitos a gente perdida são perdidos, e podem contar-se por maleficios, quando puramente não se fazem por amor de Deos, que todos os bens tem cuidado de pagar. Homem desagradecido, quanto fazeis por elle tudo perdeis : e ás vezes com palavras vos carrega, mostrando que vós sois o devedor, como este nosso Lobo fazia.

FABULA XVIII.

As duas Cadellas.

Tomando a huma cadella as dôres de parir, e não tendo lugar donde parisse, rogou a outra que lhe désse a sua cama e pousada, que era em hum palheiro, e tanto que parisse se iria com seus filhos. Fêlo a outra com dó della, e depois de haver parido, lhe disse que se fosse embora: porém a boa hospeda mostrou-lhe os dentes, e não a quiz deixar entrar, dizendo que estava de posse, e que não a lançarião dalli, senão fosse por guerra e ás dentadas.

MORALIDADE.

Mostra esta Fabula ser verdadeiro o adagio, que diz : Queres inimigo? Dá o teu, e pede-o. Porque, sem dúvida, ha muitos homens como esta cadella parida, que pedem humildemente, mostrando sua necessidade, e depois de terem o alheio em seu poder, reganhão os dentes a quem lho pede, e se são poderosos ficão com elle.

FABULA XIX.

O Homem e a Cobra.

Na força do chuvoso e frio inverno andava huma Cobra fraca e encolhida, e hum homem de piedade a recolheo,

agazalhou e alimentou, em quanto houve frio. Chegado o verão, começou a Cobra a estender-se e desenroscar-se, pelo que elle a quiz lançar fóra; mas ella levantou o pescoço para o morder. O que vendo o homem, tomou hum páo, assanhou-se a Cobra, e começárão ambos a peleijar. De que resultou ficar ella morta, e elle bem mordido.

MORALIDADE.

Diz bem o proverbio: Pela mão leva o homem a sua casa com que chore. Assim aconteceo a este homem com a cobra, e acontece a muitos, que no inverno dos trabalhos e perseguições querem ser bons a seus proximos;

mas elles, de ruins, chegando o Verão das bonanças, nem o dado agradecem, nem o emprestado tornão. Assim he certo agazalhardes ás vezes pobre em casa. que ou vos rouba e foge, ou se o despedis, vos molesta e injuria.

FABULA XX.

O Asno e o Leão.

O Asno simples e torpe encontrou com o Leão em hum caminho, e de altivo e presumpçoso se atreveo a lhe fallar, dizendo: Vades embora companheiro. Parou o Leão vendo este desatino e ousadia; mas tornou logo a proseguir seu caminho, dizendo: Leve cousa me fôra matar e desfazer agora

este; porém não quero sujar meus dentes. nem as fortes unhas em carne tão bestial e fraca. Assim passou, sem fazer caso d'elle.

MORALIDADE.

Homens forçados e nobres soffrem cousas a outros baixos, que não soffrerião a seus iguaes; porque tem por affronta sujar as mãos en gente baixa. Pelo contrario ha muitos necios, como este asno, que favorecidos, e contentes de si, do bom vestido, e bom comer, sem mais partes querem logo roçar as conteiras com os fidalgos maiores da terra, como fazia este com o Leão rei dos outros animaes.

FABULA XXI.

O Rato Cidadão e o Montezinho.

Hum Rato, que morava na Cidade, acertando de ir ao campo, foi convidado por outro, que lá morava, e levando-o á sua cova, ahi comêrão ambos cousas do campo, hervas e raizes. Disse o Cidadão ao outro: Por certo, compadre, tenho dó de ti, e da pobreza em que vives. Vem commigo morar na cidade, verás a riqueza e a fartura que gozas. Acceitou o rustico, e vierão ambos a huma casa grande e rica, e entrados na despensa, estavão comendo boas comidas e muitas, quando de subito entra o despenseiro, e dous gatos apoz elle.

Sahem os Ratos fugindo. O de casa achou logo seu buraco, o de fóra trepou pela parede, dizendo : Ficai-vos embora com a vossa fartura; que eu mais quero comer raizes no campo sem sobresaltos, onde não ha gato, nem ratoeira. E assim diz o adagio : Mais val magro no mato, que gordo na boca do gato.

MORALIDADE.

Quanto o estado pobre seja mais quieto e seguro mostra-se bem nesta Fabula; e quão arriscados vivem os que trabalhão por subir a mais riquezas, ou a mais alto foro do que tem. Que os que andão por enriquecer, esses cahem na ratoeira.

FABULA XXII.

A Aguia e a Raposa.

Tinha a Aguia filhos, e para os cevar levou nas unhas dous rapozinhos tomados de huma lousa. A mãe, que o soube, lhe foi rogar que lhe désse seus filhos; mas a Aguia lá do alto zombou dos rogos, e disse que não deixaria de lhos comer. A raposa magoada começou logo a cercar a arvore, onde a Aguia tinha seu ninho, de muitas palhas, tojos, páos seccos, e arranjou-os de tal maneira, que pondo-lhe o fogo, fez huma fogueira muito grande. Viose a Aguia atribulada do fumo e labareda, e com o receio que ardesse a ar-

vore toda, lançou-lhe os filhos sem lhes tocar, e quasi ficou chamoscada pela industria da Raposa.

MORALIDADE.

Posto que algum presuma ser Aguia na força, e ter estado avantajado dos outros, nem por isso affronte, nem aggrave o fraco e pequeno, que não possa vingar-se do maior. Deos ajuda os humildes, e resiste aos soberbos; e quiz que o Leão temesse ao Gallo, e o Rato podesse inquietar o Elefante.

FABULA XXIII.

O Gallo e a Raposa.

Fogindo as Gallinhas com seu Gallo de huma Rapoza, subírão-se em hum pinheiro, e como a Rapoza alli não podesse fazer-lhes mal, quiz usar de cautela, e disse ao Gallo : Bem podeis descer-vos seguramente, que agora acabou-se de assentar paz universal entre todas as aves e animaes : por tanto vinde, festejaremos este dia. Entendeo o Gallo a mentira ; mas com dissimulação respondeo : Estas novas por certo são boas e alegres, mas vejo acolá assomar tres cães ; deixemolos chegar, todos juntos festejaremos. Po-

rém a Rapoza, sem mais esperar, acolheo-se dizendo : Temo que o não saibão ainda, e me matem. Assim se foi, e ficárão as Gallinhas seguras.

MORALIDADE.

Hum cravo tira outro cravo. Por este Gallo póde entender-se o homem sisudo, que quando outro com palavras o quer enganar, dissimula, fingindo que não o entende, e com palavras brandas se defende. Que se o falso encontra homem avisado, quasi sempre cahe nos laços que armou.

FABULA XXIV.

O Bezerro e o Labrador.

Tinha hum Lavrador hum Bezerro forte e mimoso, e pôlo no jugo com outro boi manso : mas como o Bezerro o não quizesse tomar, nem soffrer, com pancadas e pedradas trabalhava o Lavrador pelo amansar. E disse ao boi manso : Não te tomo com este para que lavres, que ainda não he para isso, senão para o amansar de pequeno, porque depois que for touro madrigado não haverá quem o amanse.

MORALIDADE.

Ensina-nos esta Fabula quanto seja

necessario dobrar e refrear os filhos de pequenos. costumalos á virtude, tirando-os de ociosidades, que sempre parem affrontas na velhice; porque doutrina christã he, que quem tira aos moços o castigo. se lhes quer bem, lhes faz mal. Donde se prova que quem lhes quer bem. lhes faz mal. Donde se prova que quem lhes tem amor, deve de os domar e castigar de pequenos. Tambem pelo boi manso se vê que o homem quieto e pacifico sempre he mais querido e estimado daquelles que tratão com elle.

FABULA XXV.

O Lobo e o Cão.

Encontrando-se hum Lobo e hum Cão em hum caminho, disse o Lobo: Inveja tenho, companheiro, de te vêr tão gordo, com o pescoço grosso, e cabello luzido: eu sempre ando magro e arripiado. Respondeo o Cão: Se tu fizeres o que eu faço, tambem engordarás. Estou em huma casa, onde me querem muito, dão-me de comer, tratão-me bem; e eu tenho cuidado só de ladrar quando sinto ladrões de noite. Por isso, se queres, vem commigo, terás outro tanto. Acceitou o Lobo, e começárão a ir. Mas no caminho disse

o Lobo : De que he isso, companheiro, que te vejo o pescoço esfolado? Respondeo o Cão : Porque não morda de dia aos que entrão em casa, estou preso com huma cadea, e de noite me soltão até pela manhã, que tornão a prender-me. Não quero tua fartura, respondeo o Lobo : A troco de não ser cativo, antes quero trabalhar, e jejuar livre. E dizendo isto se foi.

MORALIDADE.

Não ha prata, nem ouro, por que deva vender-se a liberdade, e quem a estima no que ella merece, faz o que fez este Lobo, que escolhe antes trabalhos e fome que perdela : mas come-

dores negligentes e apoucados não estimão ser livres, com tanto que comão o pão ociosos, e os taes são significados nesta Fabula pelo Cão.

FABULA XXVI.

Os Membros e o Corpo.

As mãos e os pés se queixavão dos outros membros, dizendo que elles toda a vida trabalhavão, e trazião o corpo ás cóstas, e tudo redundava em proveito do estomago, que comia sem trabalho; por tanto que se determinasse a buscar sua vida, que elles não havião de dar-lhe de comer. Por muito que o estomago lhes rogou, não quizerão tomar outra determinação e as-

sim começárão a negar-lhe a comida : elle enfraqueceo. Mas como juntamente enfraquecessem tambem os pés e mãos, tornárão depressa a querer alimentalo ; mas como já a fraqueza fosse muita, nada lhes valeo, e morrêrão todos juntamente.

MORALIDADE.

Todos somos membros em huma Republica, e todos necessarios huns aos outros. Soldados e trabalhadores são mãos e pés, o Rei cabeça , os ricos estomago. Se disser o lavrador que não quer trabalhar, para que o outro coma, elle ha de ser o primeiro que ha de padecer fome. Se os soldados não defenderem a patria, o Rei não go-

vernar, os ricos não distribuirem o que ajuntárão dantes, e cada membro se apartar, morrerão todos, e morrerá o corpo mistico da Republica.

FABULA XXVII.

A Aguia e a Corexa.

A Aguia tomou nas unhas hum Cágado para cevar-se, e trazendo-o pelo ar, e dando-lhe picadas, não podia matalo, porque estava mui recolhido em sua concha. Embravecia-se muito com isto a Aguia, sem lhe prestar, quando chega a Corexa, e diz: A caça, que tomastes, he em extremo boa, mas não podereis gozar della, senão por manha. Disse a aguia que lhe en-

sinasse a manha, e partiria com ella da caça. A Corexa o fez, dizendo : Subi-vos sobre as nuvens, e de lá deixai cahir o Cágado sobre alguma lagem, quebrará a concha, e ficar-nos-ha a carne descoberta. A Aguia o fez; e succedendo como querião, comêrão ambas da caça.

MORALIDADE.

Na guerra, e em todo negocio, tanto val a industria, e mais que a força: que negocios mui arduos se acabão por manha, e a força sem ella val pouco ou nada. Isto quizerão mostrar os poetas na companhia e amizade do sabio Ulysses com o valente Diomedes, porque valencia sem manha poucas ou ne-

nhuma vez dá fruto proveitoso a seu dono, e hum conselho bom acaba mais que muitos máos.

FABULA XXVIII.

A Raposa e o Corvo.

O Corvo apanhou hum queijo, e com elle fugindo, se pousou sobre huma arvore. Vio-o a Raposa, e desejou de lhe comer o seu queijo : e pondo-se ao pé da arvore, começou a dizer ao Corvo : Por certo que es formoso e gentilhomem, e poucos passaros ha que te ganhem. Tu es bem disposto e mui galante ; se acertaras de saber cantar, nenhuma ave se comparara comtigo. Soberbo o Corvo destes

gabos, e desejando de lhe parecer bem, levanta o pescoço para cantar; porém abrindo a boca cahio-lhe o queijo. A Raposa o tomou e foi-se, ficando o Corvo faminto e corrido da sua propria ignorancia.

MORALIDADE.

Os que se desvanecem com palavras lisongeiras, como erão as desta Raposa, não he muito fazerem maiores desatinos do que o Corvo fez. Quem, sem ter partes, vê louvar-se, entenda que não são louvores, senão laços que lhe armão para o enganarem; porque palavras brandas sempre são suspeitosas, e quanto melhor se acceitão, tanto ficão prejudicando mais. São cevadouro

que faz o caçador para nos tomar nelle; e por meio desse engodo vem a alcançar de nós o que desejava.

FABULA XXIX.

O Leão e os outros Animaes.

Estava hum Leão doente e fraco de velho, e vindo hum Porco montez, que lhe lembrou ser maltratado delle n'outro tempo, deo-lhe huma forte trombada, e passou. Veio hum Touro, e escornou-o, e outros muitos animaes por se vingarem o maltratavão. Por derradeiro veio hum asno, e deo lhe dous couces, com que lhe derrubou as queixadas. Chorava o Leão dizendo : Tempo sei eu que todos estes só de meu

bramido tremião, e nemhum havia tão forte, que não fugisse de se encontrar commigo, agora que me vem fraco, todos querem vingar-se, e não ha quem não se me atreva.

MORALIDADE.

Os que estão introduzidos em cargos e officios grandes não aggravem outros, e recêem o que a este Leão succedeo; porque quando seu poder enfraquecer, e deixarem o officio, tambem qualquer pobre poderá vingar-se delles, e mettelos em affronta, ou por obra, ou por palavra.

FABULA XXX.

As Rãs e Jupiter.

As Rãs n'outro tempo pedírão a Jupiter lhes désse Rei , como tinhão outros muitos animaes. Rio-se Jupiter da ignorante petição, e deferindo a ella. lançou hum madeiro no meio da lagoa. Começárão as Rãs a ter-lhe respeito; porém dês que entendêrão que não era cousa viva, de novo tornárão a Jupiter pedindo Rei. Agastado Jupiter da importunação, deo-lhes a Cegonha, que começou a comelas huma a huma. Vendo ellas esta crueldade, forão-se com queixas, e pedir remedio a Jupiter, mas elle as lançou de si dizendo :

Andai para loucas : já que vos não contentastes do primeiro Rei, soffrei esse, que tanto me pedistes.

MORALIDADE.

Gente e Povo amigo de novidades he como as Rãs ; cada dia querem mudar de senhor, e desejão alterações, e mudanças. Mas bem se vê nesta Fabula, que castiga Deos muitas vezes os máos, só com lhes conceder o que pedem ; e os que murmurão do bom Governador ou Prelado, ás vezes cahem em poder de tyrannos, que os comem e destroem, como a Cegonha aqui fazia.

FABULA XXXI.

As Pombas e o Falcão.

Vendo-se as Pombas perseguidas do Milhano, que as maltratava de quando em quando, e buscando como poderião livrar-se, quizerão valer-se do Falcão. Tomou este o cargo de as defender; mas começou a tratalas muito peior, matando-as e comendo-as sem piedade. Vendo-se sem remedio, dizião: Com razão padecemos, pois não nos contentando do que tinhamos, soubemos tão mal escolher cousa que tanto nos importava.

MORALIDADE.

Direitamente parece que falla esta Fabula com os principes christãos, que tendo competencias entre si, muitas vezes chamárão em seu favor Mouros ou Turcos, do que depois se arrependêrão, como estas Pombas, e ficárão na sujeição que hoje Egypto padece e outras muitas provincias, em castigo de seus odios, invejas, scismas, abominacões e outros peccados, causas de discordias, e por conseguinte de total destruição.

FABULA XXXII.

O Parto da Terra.

Em certo tempo começou a Terra a dar urros e inchar, dizendo que queria parir. Andava a gente mui pasmada e cheia de temor, e receosa que nascesse algum monstro, proporcionado com a mãe, que podesse destruir o mundo todo. Chegado o tempo do parto, estando todos juntos suspensos, pario a Terra hum Morganho, e ficou sendo riso o que antes era medo.

MORALIDADE.

Esta Fabula explica Horacio dos que promettem de si cousas grandes, e de-

pois não fazem cousa alguma, como são certos fanfarrões, que se jactão de valentes, e a poder de juramentos o querem parecer. Outros que gabão suas letras e livros que hão de compôr, mas quando vem a joeirar-se a valentia de huns e a sciencia dos outros, tudo he joio; pelo que com razão fica quem os conhece rindo e escarnecendo delles, como na Fabula se diz que os homens fizerão do parto da Terra.

FABULA XXXIII.

O Galgo velho e seu amo.

A hum Galgo velho, que havia sido muito bom, se lhe foi huma lebre d'entre os dentes, porque já os não tinha.

O amo por isso o açoutou cruelmente, e lançou de si, como cousa que nada valia. Disse o Galgo : Deves, Senhor, lembrar-te como te servi bem em quanto era moço, quantas lebres tomei, e quanto me estimavas; agora que sou velho e estou posto no osso, por huma, que me fugio, me açoutas e lanças fóra, devendo perdoar-me e pagar-me bem o muito que te tenho servido.

MORALIDADE.

Deste Galgo tome lição quem serve a senhor ingrato, e verá o pago que ha de ter, principalmente se o serve em cousas contra sua consciencia, porque depois que estiver bem mettido no Inferno, pela primeira vontade, que dei-

xar de lhe fazer, perde quanto tem servido, e muitas vezes o mesmo senhor, por cujo respeito elle perdeo a Deos, e o mundo o accusar, he seu algoz, e o faz castigar dos peccados que lhe fez fazer.

FABULA XXXIV.

As Lebres e Rãs.

Vendo-se as Lebres corridas dos galgos e espantadas de todos os animaes, assentárão, por não passar sobresalto, de se matarem affogados em hum rio, e querendo dalo á execução, como corressem com impeto para se arremessarem na agua, chegando á borda della virão grande numero de Rãs saltarem

com medo no ribeiro. Reportárão-se as Lebres hum pouco, e mudando o conselho, disserão : Pois que vivem estas Rãs, havendo medo de nós e de todos os que nolo causão, soffremos nós a vida, que já ha outros mais acossados e medrosos.

MORALIDADE.

Bem se vê ser verdade o que diz Marcial, que ninguem he miseravel, se for comparado ; e a mais certa consolação, ainda que cruel, que ha nos males, he ver outros que padecem maiores. por esta causa perguntando-se a hum Philosopho de que modo se soffrerião bem tribulações, respondeu : Que vendo nosso inimigo em outras maiores.

FABULA XXXV.

O Lobo e o Cabrito.

Huma Cabra, indo pastar ao campo, deixou o filho em casa, e mandou-lhe que não abrisse ao Urso nem Lobo que alli viesse, porque morreria. Ida ella, veio hum Lobo, e fingindo a voz de Cabra, começou a affagar o Cabrito, dizendo que lhe abrisse, que era sua mãe. Ouvindo isto o Cabrito, chegou á porta, e por huma fenda olhou e vio o Lobo, e sem outra resposta virou as costas e recolheo-se em casa. O Lobo foi-se, e elle ficou salvo.

MORALIDADE.

Filhos obedientes a seus paes tudo lhes succede bem. Esta Fabula nos avisa que guardemos sempre esta obediencia, e tambem que não nos fiemos em palavras brandas; porque quem á pura força não se atreve a dar-nos, quanto mais peçonha traz no coração, tanto mais mel mostra a lingua; que a peçonha não se dá senão nos manjares mais saborosos.

FABULA XXXVI.

O Cervo, o Lobo e a Ovelha.

Demandava o Cervo á Ovelha falsamente certo trigo, que dizia haver-lhe emprestado. A Ovelha podera negar-lho, mas receou, porque estava hum Lobo de companhia com o Veado, e assim com dissimulação lhe disse : Rogote, por tua vida, que esperes alguns dias, e então averigoaremos nossas contas, que eu te pagarei quanto te dever. Foi contente o Cervo. Porém tanto que ambos se encontrárão sem o Lobo estar presente, a Ovelha o desenganou, que nem lhe devia trigo, nem lho havia de pagar.

MORALIDADE.

Contem esta Fabula hum aviso proveitoso, que póde servir-nos quando alguem porfia contra nós em presença de nossos inimigos; que então he prudencia dilatar a vida, até nos vêrmos em tempo que possamos livremente defender nossa opinião, como fez aqui a Ovelha, sem temor de Lobos inimigos roazes.

FABULA XXXVII.

A Cegonha e a Rapoza.

Sendo amiga a Cegonha com a Rapoza, a Rapoza a convidou hum dia a jantar. Chegado o tempo, preparou a

Rapoza ardilosa huma comida liquida, manjar como papas, e a estendeo por huma louza, e importunava a Cegonha a que comesse. Mas como ella picava na louza, quebrava o bico e nada tomava nelle, com que se foi faminta para o ninho. Mas por se vingar, convidou a Rapoza outra vez; e lançou o manjar em huma almotolia, donde comia com o bico e pescoço comprido. E a Rapoza não podendo metter o focinho, se tornou para sua casa corrida e muito morta de fome.

MORALIDADE.

He gosto enganar ao enganador, e zombar de quem quer zombar de nós; e obrigação dos que zombão e escar-

necem, soffrerem bem zombarias leves e tomarem-as em graça.

FABULA XXXVIII.

A Gralha e os Pavões.

Fez-se a Gralha bizarra e louca vestindo-se de pennas de Pavões, que pedio emprestadas, e despresando as outras Gralhas, andava com os Pavões de mistura. Porém elles lhe pedírão as suas pennas, e começando a depennala, todos lhe levavão pennas e carne no bico. Depois querendo chegar-se ás outras, ainda que com temor e vergonha, dizião-lhe ellas : Quanto te valera mais contentar-te com o que te deo a natureza, que querer mudar de estado,

para vires a este em que estás, pellada, ferida e vergonhosa.

MORALIDADE.

Quem faz casa e toma fausto com rendas alheias, ou fazenda emprestada, tem o successo desta Gralha. Chega-se o tempo da paga, vem os acredores, tomão-lhe as alfaias com que se honrava, e se não bastão, dão com elle na cadea, donde sahe pellado e vergonhoso.

FABULA XXXIX.

A Formiga e a Mosca.

Entre a Mosca e Formiga houve grande altercação sobre pontos de honra. Dizia a Mosca : Eu sou nobre, vivo

livre, ando por onde quero, cômo viandas preciosas, e assento-me á meza com o Rei, e dou beijo nas mais formosas damas. Tu malaventurada, sempre andas trabalhando. Respondeo a Formiga : Tu es douda ociosa. Se pousas huma vez em prato de bom manjar, mil vezes comes sujidades e immundicias aborrecidas de todos; se te pões no rosto da dama ou á meza com o Rei, não he por sua vontade, senão porque tu es enfadonha e importuna.

MORALIDADE.

Desta Fabula aprendamos o pouco que valem homens ociosos e importunos como moscas, que se gabão diffa-

mando mulheres e pessoas honradas; e contão feitos que nunca lhes acontecêrão, desprezando os que como formigas vivem de sua industria, mas quando vem a occasião, não fazem nada e ficão affrontados e tidos por cobardes.

FABULA XL.

A Rã e o Touro.

Andava hum grande Touro passeando no longo da agua, e vendo-o a Rã tão grande, tocada da inveja, começou de comer e inchar-se com vento, e perguntava ás outras se era já tão grande. Respondem ellas que não : Torna a Rã segunda vez, e põe mais força por inchar ; e desenganada do muito que lhe

faltava para igualar o Touro, terceira vez inchou tão rijamente que veio a arrebentar com cobiça de ser grande.

MORALIDADE.

Marcial em hum epigramma contra Otalicío, moralisa esta Fabula, entendendo pela Rã o ambicioso, que desejando igualar-se com o rico no trato e despeza, gasta o que tem e o que não tem, e chega a consumir-se, até que rebenta em muitas dividas que dão com elle no hospital. Fiquem logo avisados aquelles, que são Rãs na posse, não queirão despender como Touros, porque não rebentem como esta, de que tratou esta Fabula.

FABULA XLI.

O Cavallo e o Leão.

Vio o Leão andar comendo o Cavallo em hum outeiro, e cuidando em que maneira faria que lhe esperasse para o matar, chegou-se com palavras de amigo, dizendo que era medico se queria que o curasse. O Cavallo que o conheceo e entendeo, disse com dissimulação : Em verdade vens, amigo, a bom tempo. que tenho neste pé hum estrepe, de que estou maltratado. Chegou-se o Leão a vêr-lhe o pé, e o Cavallo o levantou e lho assentou nas queixadas, em modo que ficou embaraçado, e tornando em si vendo era ido o Ca-

vallo, disse : Por certo que fez bem em me ferir e ir-se, pois eu queria comelo e não curalo.

MORALIDADE.

Os que querem roubar e enganar outros, professando officios que nunca aprendêrão, muitas vezes lhes succede ficarem escalavrados como este Leão, e nunca escapão das affrontas e injurias graves, porque querem vender o que não sabem, o que tudo são especies de furtar.

FABULA XLII.

As Aves e o Morcego.

Havia guerra travada entre as Aves e outros animaes, que como erão fortes andavão as Aves maltratadas e vencidas. Temeroso disto o Morcego, passou-se do bando contrario, e voava por cima dos animaes de quatro pés, posto já de sua parte. Sobreveio a Aguia em favor das Aves e alcançárão victoria. E tomando o Morcego, em castigo da trahição lhe mandárão que andasse sempre pellado e ás escuras.

MORALIDADE.

Esta Fabula falla com os soldados

que não desamparem seus capitães; com os amigos que não deixem a amizade em tempo de trabalhar; que os que assim o fazem igualmente são tidos pouco de amigos e muito de inimigos, infamão-se de trahidores, e ninguem mais se fia delles.

FABULA XLIII.

O Cavallo e o Asno.

Indo o Cavallo com jaezes ricos de seda e ouro de muito preço, encontrou no caminho hum Asno carregado, e disse-lhe com muita soberba : Animal descomedido, porque não me dás lugar e te desvias para que eu passe? Calou e soffreo o pobre Asno. Mas dahi

a poucos dias emmanqueceo o Cavallo e pozerão-o de albarda para servir. Acertou o Asno de o achar carregado de esterco, e disse-lhe : Que vai, irmão? Onde está vossa soberba? Porque não mandais agora que me arrede, como fazieis em outro tempo?

MORALIDADE.

Ninguem desprese os pequenos e pobres, por se vêr farto e vestido, ou com honra e officios; porque se mudão as venturas e estados, e a soberba passada não serve mais que de vergonha e injuria presente.

FABULA XLIV.

O Falcão e o Rouxinol.

O Falcão huma manhã se apossou do ninho, onde o Rouxinol tinha seus filhos e quiz matalos. Começou o Rouxinol com muita brandura a rogar-lhe que não os matasse e que o serviria. Disse o Falcão que era contente se cantasse de modo que satisfizesse. Começou o triste Rouxinol a cantar muito sentido e suave. Porém o Falcão mostrando-se descontente da musica, começou a comelos. Chega nisto por detraz hum caçador, e lança ao Falcão hum laço, em que o prendeo e o levou a rasto, e o Rouxinol ficou livre.

MORALIDADE.

Por este Falcão se significão os tyrannos e desalmados, que por nenhumas razões, ainda que mui justificadas, desistem de aggravar aos que podem pouco; mas neste entremeio chega a Justiça divina, que os caça no laço da morte, e os lança no inferno, e muitas vezes para consolação dos bons os aflige nesta vida visivelmente com pena temporal.

FABULA XLV.

As Arvores e o Machado.

Hum Machado de aço bem forjado, faltando-lhe o cabo, sem elle não po-

dia cortar. Disserão as Arvores ao Zambugeiro que lhe désse o cabo. E como o Machado esteve encavado, hum homem com elle começou a fazer madeira e destruir o arvoredo. Disse então o Sobreiro ao Freixo : Nos temos a culpa que demos cabo ao Machado para nosso mal, porque a não lho darmos seguras poderamos estar delle.

MORALIDADE.

Quem vir seu contrario inhabilitado para fazer mal, não o habilite nem lhe dê armas, se o vir desarmado. Virtude he perdoar ao inimigo, mas parvo he quem além de lhe perdoar, o favorece tanto, que depois possa com pouca ajuda matalo. »

FABULA XLVI.

O Asno e o Mercador.

Hum tendeiro caminhando para a feira levava hum Asno carregado de mercadoria, que de mui fraco andava de vagar. O Mercador cobiçoso com desejo de chegar dava tanto no Asno, que não podia bolir-se, que cahio no caminho com a carga e morreo. Depois de morto o esfolárão, e da pelle lhe fizerão hum tambor, em que andavão de continuo tangendo e batucando.

MORALIDADE.

Os que sabem aproveitar-se dos trabalhos da vida, e se apparelhão para a

morte, descanção nella; porém os que como asnos morrem sem se lembrar que ha outra vida, depois de padecerem nesta suas desaventuras, são na outra escarnecidos e atormentados pelo demonio; pelo que com acerto são comparados nesta Fabula a jumentos, cuja pelle he na morte e na vida bem corrida.

FABULA XLVII.

O Rato e a Doninha.

Huma Doninha, como de velha e cançada não podesse já caçar, usava esta manha: enfarinhava-se toda, e punha-se muito queda a hum canto de casa. Vinhão alguns Ratos, que cuidando ser

outra cousa, chegavão por comer e ella os comia. Por derradeiro veio hum Rato velho, que tinha já escapado de muitos trances, e posto de longe disse: Por mais artes que uses, não me colherás. Engana tu a esses pequenos; mas eu, conheço-te bem, não hei de chegar a ti. E dizendo isto, foi-se.

MORALIDADE.

Na Doninha se póde vêr que quem he criado em más manhas, nem por velhice as perde. Quem se costuma a furtar, ou o baraço, ou a morte lho ha de tirar; e quando já não podem usar da força, com rebuços, manhas e trahições usão seus máos officios, como

gente que tem perdida a vergonha e temor de Deos.

FABULA XLVIII.

A Rapoza e as Uvas.

Chegava a Rapoza a huma pareira, vio-a carregada de uvas maduras e formosas, e cobiçou-as. Começou a fazer suas diligencias para subir; porém como estavão altas e ingreme a subida, por muito que fez não pôde trepar; pelo que disse: Estão as uvas em agraço, e desbotar-me-hão os dentes, não quero colhelas verdes, que tambem sou pouco amiga dellas. E dito isto, foi-se.

MORALIDADE.

Parte he de homem avisado, as cousas que não póde alcançar, mostrar que não as deseja; que quem encobre suas faltas e desgostos, não dá gosto a quem lhe quer mal, nem desgosto a quem lhe quer bem; e que seja isto verdade em todas as cousas, tem mais lugar nos casamentos, que desejalos sem os haver, he pouquidade, e sizo mostrar o homem que não lhe lembrão, ainda que muito os cobice.

FABULA XLIX.

O Pastor e o Lobo.

Fugia o Lobo de hum caçador que vinha em seu seguimento, e diante de hum Pastor se escondeo em humas moutas, rogando-lhe que se o caçador lhe perguntasse, dissesse era ido. Ficou o Pastor de o fazer. E chegado o caçador, perguntando pelo Lobo, o Pastor lhe dizia que era ido; mas a çabeça lhe acenava para onde estava; não attentou o caçador nos acenos, e foi-se. Sahio o Lobo e disse-lhe o Pastor: Que vai, amigo? Muito me deves, bom valedor tiveste em mim. Valeo-me a mim minha ventura, respondeo o Lobo, e

não te entender o caçador; pelo que nada te devo, antes se bemdigo a tua lingua, amaldiçoo tua cabeça, que tanto fez por me descobrir.

MORALIDADE.

Notão-se nesta Fabula os que do mal que urdírão, ainda que não teve effeito, querem tirar agradecimentos, e mostra-se quanto perigo seja quererem os homens em seus trabalhos valer-se de seus inimigos; que quando são muito fieis e primorosos, cuidão que satisfazem com se mostrarem neutraes.

FABULA L.

O Asno e a Cachorrinha.

Vendo o Asno que seu amo brincava com huma Cachorrinha, e se alegrava com ella, e a tinha á meza, dando-lhe de comer, porque o affagava vindo de fóra e saltava nelle, creo que se outro tanto lhe fizesse, tambem seria estimado; e com essa inveja se vai ao Senhor em entrando de fóra, e pondo-lhe as mãos sobre os hombros, começou a querer lamber-lhe o rosto com a lingua. Espantado o amo, brada e acodem os criados, e a poder de muitas pancadas tornárão a metter o Asno em sua estrebaria.

MORALIDADE.

Ninguem se metta a mostrar habilidades que a natureza lhe negou. Cante o musico, pratique o letrado, o soldado trate de armas, o piloto de sua arte, e quem quer metter-se nas alheias, por ganhar terra, e contentar a outrem, ou sahirá como este asno espancado, ou o mandárão á estrebaria.

FABULA LI.

O Leão e o Rato.

Estando o Leão dormindo, andavão huns Ratos brincando ao redor delle, e saltando-lhe por cima o acordárão. Tomou elle hum entre as mãos e esta-

va para o matar; mas pelo ter em pouco e pelos muitos rogos com que lhe pedia, o soltou. Succedeo dahi a pouco tempo cahir o Leão em huma rede, onde ficou liado, sem poder valer-se de suas forças. E sabendo-o o Rato, tal diligencia poz, que roeo brevemente os laços e cordeis, e soltou o Leão que se foi livre em pago da boa obra que lhe fez.

MORALIDADE.

Duas cousas temos aqui que notar: primeiramente o agradecimento que se deve a qualquer boa obra, e em especial a quem perdoa algum aggravo, podendo vingar-se como este Leão podia. Segundariamente, quanto devem os po-

derosos estimar a amizade de qualquer homem, por mui fraco que seja; porque qualquer póde fazer mal, e se não podem fazer mal, todos podem fazer bem.

FABULA LII.

O Milhano e sua Mãe.

Estando o Milhano enfermo, e receando a morte que via já chegada, rogou de proposito a sua Mãe que fizesse por sua saude romarias aos Santos. Respondeo ella: De boa vontade, filho, as fizera; mas temo que não te prestem: porque como gastaste a vida toda em males, e sempre com teu esterco çujaste os templos dos Santos,

receio que não me queirão ouvir, ainda que os rogue por tua saude.

MORALIDADE.

Bem está de entender que significa este Milhano os homens, que toda a vida são estragados, e guardão o arrependimento para a hora da morte. Tambem esta Fabula ensina quanto risco correm os que aggravão aos Santos e bons, e muitas vezes, porque permitte a Justiça divina que ás vezes não sejão ouvidos, quando se querem valer delles.

FABULA LIII.

A Porca e o Lobo.

Estava huma Porca com dôres de parir, e hum faminto Lobo se chegou a ella, dizendo que era seu amigo, e tinha dó de a vêr desamparada, que queria servir-lhe de parteira. Bem entendeo a Porca que vinha elle por lhe comer os filhos, e dissimulando disse que não pariria em quanto elle alli estivesse, que era mui vergonhosa e que se pejava delle que era seu affilhado; por tanto que se fosse e a deixasse parir, e que depois tornaria. Fêlo o Lobo assim, mas em se desviando dalli, a Porca tambem se foi buscar hum lugar seguro em que parir.

MORALIDADE.

O que tem fama de Lobo, quando faz affagos se ha de fugir mais delle, porque os taes nunca fazem bem por virtude, senão por seu interesse. E destes quem não póde livrar-se por força, deve apartar-se com dissimulações, que tanto estará mais seguro de se queimar, quanto estiver mais longe de seu fogo.

FABULA LIV.

O Velho e a Mosca.

Repousava á soalheira hum Velho calvo, com a cabeça descoberta, e huma Mosca não fazia senão picar-lhe na calva. Acodia logo o Velho com a mão,

e como ella fugisse mui depressa, dava em sí mesmo grandes palmadas, de que a Mosca gostava e se ria. Disse o Velho : Ride-vos embora de quantas vezes eu der em mim, que isso não me mata; mas se huma só vez vos acertar, ficareis morta, e pagareis o novo e o velho.

MORALIDADE.

Mancebos ha que em zombar e escarnecer dos homens graves e sisudos são mais importunos que Moscas, até que o homem grave pelos castigar lhes descobre huma falta sua, com que os deixa mortos de injuriados. Eu por esta Mosca entendo alguns mui zelosos, que trabalhão por dar desgostos a se-

nhores poderosos, ou fazem sobrancerias ás justiças e escapão muitas vezes, até que de alguma cahem nas suas mãos, e os fustigão de maneira que ficão perdidos de todo.

FABULA LV.

O Cordeiro e o Lobo.

Andava hum cordeiro entre as cabras, e chegou o Lobo, dizendo : Não he este o teu rebanho, vem commigo, levar-te-hei a tua mãe. Respondeo o Cordeiro : Não quero, porque esta cabra me quer muito e me faz mais mimo que a seu proprio filho. Com tudo, replicou o Lobo, melhor estarás com tuá mãe. Bem estou aqui, disse o Cor-

deiro, não quero provar ventura, que por bem que me succeda, não deixará o pastor de me tirar o vello, e ficarei morrendo de frio.

MORALIDADE.

Mostra-nos esta Fabula que a companhia dos bons amigos he mais segura que quanto parentesco tem o mundo; que o parente sem amor, nem he amigo, nem parente; e o amigo verdadeiro he parente e amigo. Tambem o Cordeiro nos avisa que quem está bem, não se bula por provar ventura; que esta he para quem não a tem. Quem está quieto, contente-se com a sua sorte, e guarde-se de empeiorar.

FABULA LVI.

O Homem pobre e a Cobra.

Hum Homem pobre costumava affagar e dar de comer a huma Cobra, que em sua casa trazia, e em quanto assim fez tudo lhe hia por diante. Depois por certa agastadura, fez-lhe huma grande ferida. E vendo que tornava a empobrecer, com muitas palavras e humildade lhe pedio perdão. Respondeo a Cobra : Eu de boamente te perdoo, mas não te ha de isto prestar para deixares de ser pobre, que esta ferida sempre me ha de doer, e sempre ha de estar pedindo vingança de ti.

MORALIDADE.

Quiz Esopo mostrar nesta Fabula o que costumão dizer : A quem aggravares não lhe creas, porque a memoria dos aggravos he eterna. Por tanto, quem injuriou algum amigo seu e depois se reconciliárão, entenda que por muito amigos que pareça estarem, e que no exterior mostre não lhe lembrar nada, lá no mais secreto do coração está guardada muitas vezes a memoria da injuria.

FABULA LVII.

O Bogio, o Lobo e a Rapoza.

Querelou o Lobo da Rapoza, dizendo que fizera hum furto. Era juiz o Bogio. E a Rapoza negou fortemente, disputando ambos diante do juiz, e cada hum descobrio quantas maldades sabia do outro. Depois do Bogio os ouvir, pronunciou a sentença, dizendo que o Lobo não provara bem ser-lhe feito furto: mas que elle entendera que a Rapoza tinha furtado alguma cousa; por tanto condemnava a ambos que ficassem entre si sempre desavindos e suspeitosos.

MORALIDADE.

Natural he maliciosos e mentirosos cuidarem que não ha homem que seja bom, nem verdadeiro; e por estas suspeitas condemnarem quantos conhecem e não conhecem. Tambem mostra esta Fabula que os juizes que para condemnar se regem não pela prova, senão por suspeitas; tem saber de Bogio, que tudo sabe para mal, e não para bem.

FABULA LVIII.

A Faia e a Cananoura.

A Faia alta e direita não queria dobrar-se ao vento, antes vendo a Caná-

noura, que se maneava facilmente, a conselhava que estivesse sem dobrar-se. Respondeo a Cananoura : Tu podes resistir, eu não, que não tenho raizes compridas, nem sou forte como tu es. Dizendo isto, veio hum pé de vento com braveza, que arrancou a Faia com raizes e tudo; mas a Cananoura, que se dobrou, ficou em pé.

MORALIDADE.

Mostra bem esta Fabula quão sujeitos estão a desastres os soberbos e os que a ninguem querem dobrar-se, e por outra parte, que segura he a humildade; porque os que soffrem com discrição, e obedecem aos tempos, ainda que pareção Cananouras fracas,

permanecem mais que os soberbos.

FABULA LIX.

A Formiga e a Cigarra.

No inverno tirava a Formiga da sua cova a assoalhar o trigo, que nella tinha, e a Cigarra com as mãos postas lhe pedia que repartisse com ella, que morria á fome. Perguntou-lhe a Formiga que fizera no Estio, porque não guardara para se manter? Respondeo a Cigarra : o Verão e Estio gastei em cantar e passatempos pelos campos. A Formiga então perseverando em recolher seu trigo, lhe disse : Amiga, pois os seis mezes de Verão gastastes em cantar, bailar he comida saborosa e de gosto.

MORALIDADE.

Notorio he significar-se pela Formiga o homem trabalhador, diligente e guardoso. Por tanto nos ensina esta Fabula que sejamos como a Formiga, e não confiemos no que outrem nos ha de dar ou emprestar; que com razão se póde negar tudo ao preguiçoso, se he como a Cigarra affeiçoado a musica e passatempos. Porém trabalhar e guardar he caminho certo de não haver mister a ninguem.

FABULA LX.

O Caminhante e a Espada.

Achou hum Caminhante huma Espada bem guarnecida em meio da estrada, perguntou-lhe quem a perdera e deixara alli. Callou-se ella e esteve queda. Depois sendo outra vez perguntada, respondeo : Ninguem me perdeo a mim, ainda que me vês lançada neste chão, antes eu fiz perder a muita gente ; que dando occasiões a brigas, matei alguns homens, de que resultou ficarem perdidos os matadores, e os mortos mais perdidos, se não estavão em graça ; porque caminhárão para o inferno.

MORALIDADE.

Por esta espada entendo os homens desalmados e mexequeiros, e que enganão a gente moça por máos respeitos, levando-a a casas de jogo e outras peiores, desviando-os da obediencia de seus paes; porque estes matão mil vezes famas, honras, fazendas alheias, e tambem vidas e almas dos com que tratão juntamente.

FABULA LXI.

O Asno e o Leão.

Encontrando-se em hum caminho o Asno com o Leão, lhe disse: Subamos a hum outeiro, que quero que vejas os

muitos animaes, que hão medo de mim. Rio-se o Leão, e foi com elle. Zurrou o Asno, e fez subir grande número de lebres, coelhos, zorras e outros semelhantes. Disse-lhe então: Que te parece? Vês este medo, com que fogem de mim? Fogem de ti, respondeo o Leão, os fracos, que são os que cobrão medo de ouvir bradar; mas eu sem brados desfaço ás mãos os mais valentes; pelo que de nenhum, nem de ti tenho temor.

MORALIDADE.

Certo he, nos que querem mostrar-se valentes, deitarem entre gente pacifica brados e bravatas, para com ellas espantarem homens fracos e muito

quietos; mas o verdadeiro valente affronta-se de gritar e de ouvir; porque pelas obras, e não pelas palavras, se conhece cada hum. Não está na boca a valentia, no coração consiste, e nos braços, parece-se o homem com o Asno ou com o Leão.

FABULA LXII.

A Gralha e a Ovelha.

Huma Gralha ociosa pousou sobre o pescoço da Ovelha, e alli a repelava, e lhe tirava a lã, picando-a por entre ella. Virou a Ovelha o rosto, dizendo: Essa manha ruim e antiga houvereis de deixala esquecer, que podeis ir picar hum rafeiro no pescoço, e matar-

vos-ha levemente. Respondeo a Gralha : Já sou velha, e sei muito; e conheço a quem posso aggravar, e a quem devo affagar. Não temas que me ponha no pescoço do cão, senão no teu, que me não podes fazer mal.

MORALIDADE.

Esta Gralha significa alguns mal revoltosos, que de continuo andão molestando com obras e palavras os homens de bem e pacificos : mas quando encontrão algum duro dos fechos, encolhem os hombros, e passão com cumprimentos ; porque com Ovelhas são Gralhas, e com Rafeiros são Ovelhas.

FABULA LXIII.

O Boi e o Veado.

Por fugir o Veado de hum caçador, se acolheo á Villa, e entrando medroso em huma estrebaria, achou o Boi, a quem perguntou se podia esconder-se alli. Disse o Boi que era muito certo o morrer, e que antes devera tornar-se ao mato, e com tudo o escondeo, e o cobrio de palha. Veio o dono da estrebaria, e olhando por ella, vio as pontas do Veado. Foi descobrilo, e achou o que era. Mas disse-lhe: Já que de tua vontade vieste á minha casa, não te quero matar, senão defender, e fazer muitos mimos.

MORALIDADE.

Muitos de mofinos, por fugirem da sertã, cahem nas brazas : mas ha alguns ditosos, como este Veado ; e ditoso he quem sendo perseguido, acerta de se acolher a casa de Fidalgo, que o não seja só no nome ; porque o tal, ainda que por outra parte deseja beber o sangue daquelle, que se vale de sua casa, obrigado do seu pundonor o salva e favorece, deixando odios de parte por guardar pontos de honra.

FABULA LXIV.

O Homem e o Leão.

Andando o Leão á caça, metteo hum estrepe no pé, com que não podia bolir-se. Encontrou hum homem, e mostrou-lho para que lho tirasse. Fêlo assim o homem; e o Leão em paga partio da caça com elle. Dalli a muito tempo foi tomado este Leão para certas festas, e nellas se lançavão homens, para que os matasse. Entre elles lhe lançárão este que o curou, que estava prezo por algumas culpas. Porém o Leão não só o não matou, antes se pôz em sua guarda, e o acompanhou toda a vida, caçando para elle.

MORALIDADE.

Não he só fabula a de cima, mas historia verdadeira, que Appino Polibio Grego a conta, e Aulo Gelio nas noites Atticas, e delle a traz Baptista Fulgoso no quinto Livro. Todos dizem que o homem era cativo, e se chamava Andronico. Deste Leão, não fabuloso, senão verdadeiro, podemos aprender a ser agradecidos a quem nos faz bem, pois vemos que hum bruto tão feroz mostra tamanho agradecimento. Pela mesma occasião dizem que teve outro Leão S. Jeronymo, que lhe servia de carga e companhia.

FABULA LXV.

O Lobo e a Rapoza.

O Lobo se apparelhou, e proveo sua cova muito bem de mantimento. A Rapoza chegou, e disse que obrigada de amor andava traz elle, por vêlo e servilo. Não quero teu serviço, disse o Lobo, que tua intenção não he senão roubar-me e comer-me o que eu tenho. Vendo-se a Rapoza alcançada, buscou quem matasse o Lobo, e metteo-se de posse de sua cova e de quanto estava nella; mas sobrevindo huns caçadores, foi achada dos cães e feita em pedaços.

MORALIDADE.

Na morte desta Rapoza se declara o fim que merecem os que desejão e procurão a morte a seus parentes por herdar delles, que os taes, se chegão a alcançar o que pretendem por meios tão illicitos, as mais das vezes não o gozão, e muitas o perdem com a vida e honra, porque o mal adquirido, dizem os Latinos, que por entre as mãos se escorrega.

FABULA LXVI.

O Leão e outros Animaes.

Eleito o Leão Rei de todos os animaes, prometteo de a nenhum fazer

mal. E logo chamando-os a cortes, os poz por ordem e corria-os, dando-lhes a cheirar o seu bafo. Os que dizião que lhes cheirava mal, os matava. Os que dizião que bem, feria-os. Andando assim chegou á Mona e perguntou-lhe, como a todos, se lhe fedia o bafo. A Mona o cheirou e dizendo que não fedia, se foi. Porém o Leão pela matar, se fingio doente, e disse que sararia se a comesse. E por esta manha tomou occasião de a matar.

MORALIDADE.

Por mais Bogio que o homem seja, não póde livrar-se do Rei tyranno, porque ou falle, ou não falle, ou diga bem delle, ou mal, lá se ha de buscar

huma occasião de o destruir, e como póde e quer, faz tudo a seu salvo.

FABULA LXVII.

O Veado e o Caçador.

Bebendo o Veado em huma ribeira, vio seus cornos, ramos e as pernas delgadas : parecêrão-lhe as pernas mal e ficou pesaroso de as ter, e por outra parte tão satisfeito da formosura dos cornos, que se fez soberbo de contente. Ainda bem não sahia da agua, quando dá sobre elle hum Caçador. Foi-lhe forçado valer-se dos pés, que pouco antes despresara, e elles o punhão em salvo. Mas entrando por hum arvoredo basto, embaraçárão-lhe os cornos com

os ramos das arvores, com que se embaraçou e foi tomado. Pelo que dizia, vendo-se preso e ferido : Grande parvo fui, que o que me era bom desestimei, fazendo muito caso do que me causou a morte.

MORALIDADE.

A cegueira deste Veado temos todos os que temos nossa bemaventurança em haver cousas, que depois de alcançadas, ainda que no principio nos alegrem, são depois causa de nossa destruição.

Por tanto aprendamos a pedir a Deos nos dê cousas, com que o sirvamos, e nos salvemos ; porque elle sa-

be o que a cada hum he bom, e nós não sabemos nada.

FABULA LXVIII.

A Bicha e a Lima.

Buscando a Bicha de comer na tenda de hum ferreiro, foi topar com huma lima, e quiz roela; mas como os dentes não entravão pelo aço, dava-lhe muitas voltas, virando-a de todas as bandas. Enfadada a Lima de andar aos tombos, lhe disse : Que fazes parvoa, não sabes que sou de ferro, e lima? Por muito que trabalhes desfarás os dentes, ou com os meus de aço bem temperados cortarei dentes e qualquer arma a quem chegar, em pouco tempo.

MORALIDADE.

Dous valentes sempre fogem de brigar, e hum máo poderoso guarda-se de pelejar com outro poderoso máo. Que entre iguaes he a briga duvidosa. Com os menores cada hum quer ser lima e ser bicha. Nos grandes ninguem ousa metter dentes, porque tambem os tem para morder, e dizem que de cossario a cossario não se perde mais que a monção.

FABULA LXIX.

Os Carneiros e Carniceiro.

Estando juntos huns Carneiros, entrou o Carniceiro, e elles não se alvo-

roçárão, nem fizerão caso disso. Tomou o Carniceiro hum e logo o matou, e nem com vêr o sangue temêrão os outros. Foi por diante, e os matou a todos hum a hum até o derradeiro, que vendo-se maniatado, disse : Por certo, com razão padecemos, pois vendo o nosso mal não quizemos entendelo. No principio ás marradas nos poderamos defender, vendo que nos matavão, então não quizemos; agora eu só não posso : e assim acabamos todos.

MORALIDADE.

Diz o proverbio portuguez que quando arderem as barbas de teu visinho, lances as tuas de remolho. Quem nos perigos alheios não se avisa, não he

avisado; que males alheios bem notados são doutrina proveitosa para o prudente; mas quem o he tão poúco, que se deixa ir pelo caminho, por onde vê que se perdem todos, este tal se perderá por sua culpa e morrerá como o Carneiro.

FABULA LXX.

O Lobo e o Asno doente.

Estava o Asno mal disposto, e foi o Lobo visitalo, fazendo-se muito amigo. Tomou-lhe o pulso, correo-lhe a mão pelo rosto, e disse que queria curalo. Estava o Asno quedo, bem desejoso de se vêr cem legoas do Lobo, o qual lhe apalpava os membros todos: pergun-

tou onde lhe doia e apertava-o e arrepelava-o tanto, que disse o Asno: Onde quer que me pões a mão, logo ahi me doe; mas rogo-te que te vas, e não me cures, que ido tu, sararei logo.

MORALIDADE.

Nunca são os máos tão peçonhentos, como quando encobrem a peçonha debaixo de mostras de amor. Porque em fim sempre o Lobo he máo; mas quando affaga he peior: e mostras de piedade no homem cruel são laços que arma para destruir o Asno, que se fiá delle.

FABULA LXXI.

A Pulga e o Camelo.

Poz-se huma pulga sobre hum Camelo carregado, e deixou-se ir sobre a carga huma jornada, no fim da qual saltou abaixo, e sacudindo-se, disse: Folgo em verdade de me descer: porque tinha dó de ti: agora irás leve com pouca carga. O camelo se rio deste cumprimento e respondeo: Nunca senti se te levava em cima, nem tu podes carregar-me, nem alliviar-me, que não tens pezo para isso. A carga que eu levo, essa sinto. Tu não tens pezo para te sentirem.

MORALIDADE.

Homens ha leves como pulgas, que por se mostrarem de muita importancia, e privados de senhores, não fazem senão entrar e sahir em suas casas, e tomão a mão a outros, que vão como os Camelos carregados de negocios, somente por metterem em cabeça a quem sabe pouco delles, que são tidos em conta, ou que prestão para alguma cousa.

FABULA LXXII.

O Caçador e as Aves.

Concertava hum pobre Caçador as varas de visco, e as Aves olhando, es-

tavão cantando á sombra das arvores, e gabando-o de bemfeitor e primoroso. Hum passaro já experimentado disse aos outros: fujamos logo todos, porque este que vedes, não quer mais que enviscar-nos e prender-nos. Andemos pelo ar até vêr o que acontece a outrem, porque este e todos como elle, quantos de nós houverem ás mãos, ou lhes torcem o pescoço, ou lho cortão, e mortos ou presos nos mettem em sua taleiga.

MORALIDADE.

Semelhantes são a estas aves os que não conhecem o seu mal, senão quando cahem nelle. Mas o passaro velho significa qualquer homem sisudo de ex-

perlencia, cujo conselho bem recebido muitas vezes livrou muita gente da morte, e Cidades ou Provincias inteiras de total destruição.

FABULA LXXIII.

O Cervo e o Cavallo.

Peleijárão algumas vezes sobre o pasto o Cervo e o bom do Cavallo, e porque o Veado com os cornos fez sempre fugir o Cavallo, foi-se a hum homem e disse-lhe: Põe-me hum freio e huma sella, e sobe sobre mim, e matarás hum Veado, que aqui anda. Fê-lo o homem assim: e morto o Veado, quiz o Cavallo que se apeasse; mas o homem acolheo-se á posse e o Caval-

lo ficou sempre sujeito ao freio e sella, e a andar debaixo.

MORALIDADE.

Esta Fabula traz Horacio no primeiro livro das Epistolas e declara entendendo pelo Cavallo aquelle que por comer ou levar vantajem a outro aceita servir a alguem, porque ficará sempre servo por não se contentar com o que lhe bastava.

FABULA LXXIV.

O Buitre e mais Passaros.

O Buitre convidou a banquete todas as outras aves, dizendo que queria solemnisar o seu natal. Vierão muitas

dellas, e recolhendo-as todas em hum aposento, depois que forão horas de cear, como todas estivessem assentadas esperando, vem o Buitre, e cerra as portas, e começa a matalas a huma e huma. Todas com medo avoejavão, por não haver alguma que se atrevesse com elle. E em fim elle sem piedade as matou, porque para isso as convidou, ou ao menos para as pilhar.

MORALIDADE.

Quando ricos e poderosos fazem aos pequenos mais honra do que costumão, ou os convidão com huma mercê de boca, ou com huma cadeira grande fóra do costume, por averiguado tenhão que ou sahirão mortos ou pellados.

Porque os taes ordinariamente não estimão os outros, senão para seu proveito para se servirem ou das pessoas ou das fazendas.

FABULA LXXV.

A Raposa e o Leão.

Fingindo-se o Leão enfermo, visitavão-o os outros animaes; e de quantos entravão na cova, nenhum deixava sahir. Elles obedecião como a Rei; mas o Leão a hum e hum os comia todos. Por derradeiro chegou a Raposa á porta da cova, e perguntou-lhe como estava? Respondeo o Leão, porque não entrava a vêlo? Respondeo a Raposa que não era necessario, que de-

via estar a casa cheia de gente, que ella via muitas pegadas dos que entravão, e nenhuma dos que sahissem para fóra.

MORALIDADE.

Tambem Horacio explicou esta Fabula, comparando-se a si mesmo com a Raposa, dizendo que não queria seguir os vicios dos Romanos, porque vio como nenhum escapava do castigo. Serve-nos logo de aviso, que pois vemos por experiencia os males sem remedio em que dão os homens estragados, que perseverão em seus erros, fujamos nós, como fazia esta Raposa, de seguir suas pegadas, não nos aconteça outro tanto.

FABULA LXXVI.

O Carneiro grande e Pequenos.

Tres carneiros moços, e hum marroco andavão pastando. Sahio o velho correndo e fugindo. Os outros estavão pasmados sem saber a causa, e como não entendião seu perigo, rião-se do medo e fugida do marroco, o qual vendo-os escarnecer lhes disse : Vós sois loucos e ignorantes; não vedes que quando vêm o carniceiro sempre mata os maiores? Eu por isso fujo. Mas quando elle vier e vos matar, pesar-vos-ha de terdes escarnecido e esperado.

MORALIDADE.

Ordinaria causa he nescios e cobardes zombarem de sisudos e esforçados, e os menores dos maiores, porque como os grandes arriscão mais nos perigos, procurão com aviso guardar-se delles. Mas os nescios, como não julgão isto por aviso, senão por cobardia, nem entendem as cousas, como carneiros mamões, zombão simplesmente dos homens abalizados.

FABULA LXXVII.

O Leão e o Homem.

O homem com o Leão altercavão sobre qual era mais valente. O Homem para provar sua tenção, o levou a hum sepulcro, onde estava de pedra hum

homem affogando hum Leão, que tinha debaixo de si. O Leão se rio de vêr isto, dizendo : Se não fôra homem o que isto aqui poz, podera ter algum credito, mas sendo homem he suspeito. Por tanto, deixemos pinturas e provemos isto pelo braço. E logo isto dito estendeo o Homem no chão, e o matou com muita facilidade.

MORALIDADE.

Mostra esta Fabula que he cousa perigosa querer com palavras apparentes contradizer a verdade maciça ; porque fazendo-se depois prova, fica a mentira manifesta, e quem a defendia morto e injuriado : que a injuria he no homem digna de se sentir, e achar-se nelle que nega maliciosamente a verdade.

SUPPLEMENTO AS FABULAS

DE ESOPO.

FABULA I.

A Panella de barro e a de cobre.

Huma corrente de agua levava duas panellas, huma era de cobre, outra de barro, e cada huma hia por sua banda. Disse a de Cobre á outra: Cada huma de nós só não tem força para fazer resistencia á agua, mas chega-te a mim, e ambas poderemos resistir-lhe. Não quero, disse a de barro, nem me vêm bem, porque se na agua tu me

deres huma topada, ou ta der a ti, de qualquer maneira tu ficarás sã, e eu far-me-hei em pedaços.

MORALIDADE.

Quem faz bando com homem mais poderoso corre grande risco, porque em fim os poderosos são de cobre, e os pobres de barro, e sempre quebra a corda pelo mais fraco. E se dous poderosos tem brigas, e depois querem concertar-se, fazem tão pouco caso da honra dos pobres, que os ajudárão nellas, que muitas vezes fazem concertos como fez Augusto com Lepido e Marco Antonio, que por se vingarem de seus inimigos, cada hum entregou seus amigos á morte.

FABULA II.

O Aspide e seu Hospede.

Hum bicho peçonhento por nome Aspide se recolheo em casa de hum Homem, que o agasalhou e manteve-o alguns dias. Era o bicho prende e pario alli, e hum dos filhos mordeo hum filho do homem, de que morreo. O Aspide, que vio o homem chorar diante delle, matou todos os filhos, e se sahio de casa, e nunca mais tornou a ella.

MORALIDADE.

Esta Fabula traz por verdadeira Baptista Fulgoso no quarto Livro, e com o exemplo deste bicho reprehende os

que não são agradecidos aos beneficios que recebem : pois hum bichinho irracional e de natureza máo mostrou a quem lhe fez bem tão grande agradecimento.

FABULA III.

O Cão e seu Dono.

Hum Cão de hum Hortelão chegou ao poço, e como em baixo vio sua figura, começou a affeiçoala, e tanto fez e bolio, que cahio no poço. Andava o Cão meio affogado e o Hortelão com dó delle desceo abaixo junto da agua para o tirar, e como lhe pegasse, o Cão lhe metteo os dentes no braço e o atravessou ; o Hortelão o largou com a dôr, e o Cão dahi a pouco affogou-se.

MORALIDADE.

Por este Cão se entende o peccador, que quando alguem com bons conselhos o quer tirar do poço dos peccados vira-se a mordelo com affrontas de obras; mas o que ganha o tal he que seu ajudador o larga, e se Deos não lhe acode, affoga-se e acaba em seus vicios, para ir começar a pagalos no inferno.

FABULA IV.

A Raposa e a Dominha.

A Raposa andava faminta, e por huma greta de parede entrou em hum celleiro de trigo. Como lá se achou dentro fartou-se á vontade, e engrossou de maneira, que não pôde sahir

por onde entrara. Disse-lhe então a Doninha : Se te agastas de te vêr preza, torna a adelgaçar, e poderás sahir. Disse-lhe a Raposa : Tu tens razão, e eu antes quero padecer fome, que estar preza.

MORALIDADE.

Quanto o homem mais tem , mais prezo está, e mais sujeito he. O pobre póde entrar e sahir sem pejo, e se não come tanto, tem maior liberdade, a qual por nenhuma fartura deve trocar o homem sabio.

FABULA V.

A Nora e a Sogra.

Huma mulher casada, que tinha sogra, estava muito mal com ella, e hu-

ma á outra se tinhão má vontade. Acertárão de mandar a esta mulher certas cousas de doce, entre as quaes vinha huma mulher, feita de especie. E disse quem as trazia, que aquella era a figura de sua sogra. Ella partio huma migalha, que metteo na boca, e tornando-a a cuspir, disse: Basta que he sogra, que até de açucar amarga.

MORALIDADE.

Alêm de mostrar esta Fabula huma cousa tão ordinaria como he odio entre noras e sogras, tambem nos ensina quão má cousa he o odio, e quanto para fugir, pois faz que o açucar pareça fel, como se vê muitas vezes, quando a boa obra que hum inimigo faz

á outro, elle a não quer aceitar, antes a despresa e tem pôr má.

FABULA VI.

O Asno e a Cobra.

Pedírão os homens a Jupiter, em paga de hum serviço, que nunca envelhecessem, o que elle concedeo. Tomou a mocidade. e pôla sobre hum Asno, e mandou que a levasse aos homens. Indo o Asno seu caminho chega a hum ribeiro com sede : estava nelle huma Cobra, e disse que o não deixaria beber daquella agua, se não lhe désse o que levava ás costas. O Asno, que não sabia o preço, lhe deo a mocidade pela agua. Pelo que os ho-

mens ficárão envelhecendo, e as Cobras renovando-se cada anno.

MORALIDADE.

Mostra esta Fabula que as cousas de importancia não se commettem a homens parvos, porque qualquer manhosa cobra com qualquer cousa os vence, e faz que descubrão o segredo alheio, ou desbaratem os negocios, que lhes são commettidos, cujo pezo e importancia não entendem.

FABULA VII.

O Corvo e o Escorpião.

Sahia da sua toca hum Escorpião, e o Corvo que o vio, abateo-se á terra e o levou nas unhas : depois de voar hum

espaço, para comer o que caçara pousou no chão; mas o Escorpião picou o Corvo de maneira que cahio morto, e elle foi livre em paz.

MORALIDADE.

Este Corvo significa os que, como diz o adagio, vão buscar lã e tornão tosquiados. Assim acontece muitas vezes que quem arma a trampa, esse cahe nella, e o que ordena a traição morre em poder de traidores.

FABULA VIII.

O Ladrão e o Anjo.

Dormia o Ladrão ao longo de huma parede, e vio entre sonhos hum Anjo, que o acordava, dizendo: Levanta-te

e guarda-te daqui. Acordou o Ladrão, e apartando-se da parede, vio-a vir de subito ao chão. Ficou deste acontecimento muito alegre e soberbo, crendo que por sua virtude o guardara Deos. Mas tornando a dormir, tornou a vêr o Anjo que lhe dizia : Não te ensoberbeças, que se hontem te guardei, foi porque não era aquella tua morte, senão a da forca para que estás guardado.

MORALIDADE.

Na forca do inferno vão a parar os que das mercês, que Deos lhes faz, tomão occasião de o offender, e serem mais soberbos. Esta Fabula nos avisa e ensina que a muitos favorece a fortuna por seu mal. Muitos vivem, que lhes

fôra melhor morrer. Pelo que hum philosopho escapando de huma casa, que se arruinou e matou muita gente, disse com humildade : Oh ventura, para que occasião me terás guardado ?

FABULA IX.

A Bicha e o Cabrito.

Andava pastando huma Cabra com o filho apoz si, e pizou huma Bicha acaso com os pés, ella assanhada, levantando-se hum pouco, picou a Cabra em huma teta; mas como o filho logo viesse a mamar, e chupasse com o leite a peçonha da Bicha, salvou a Mãi, e elle morreo.

MORALIDADE.

Mostra-se nesta Fabula o que acontece muitas vezes nesta vida pagar o justo pelo peccador, como aqui pagou o filho pela Mãi, e muitos filhos são temporalmente castigados pelos peccados dos Paes. Antes o mundo he tão contrario aos justos, que como o Poeta diz; Mata as pombas, e cria os corvos; quer dizer : Sustenta aos máos, e persegue os innocentes.

FABULA X.

A Rapoza e o Leão.

Tinha a Rapoza sua cova bem fechada, e estava dentro gemendo, porque estava enferma; chegou á porta hum

Leão, e perguntou-lhe como estava, e que lhe abrisse, porque a queria lamber, que tinha virtude na lingua, e elle lambendo-a, logo havia de sarar. Respondeo a Rapoza de dentro : Não posso abrir, nem quero; creio que tem virtude a tua lingua, porém he tão má visinhança a dos dentes, que lhe tenho grande medo, e por tanto quero antes soffrer-me com meu mal.

MORALIDADE.

Avisa-nos esta Rapoza que quando nos offerecem alguma obra boa, notemos as circumstancias d'ella, que ás vezes são taes, que custão muito mais do que vale a obra pia.

FABULA XI.

Hercules e os Pigmeos.

Na terra dos Pigmeos, gente que não chega a dous palmos, estava Hercules dormindo á sombra de huma arvore com a sua maça a par de si, e a pelle do Leão á cabeceira. Juntárão-se muitos Pigmeos apostados a matalo, e forão pegar n'elle, de modo que acordou. E só enxotando-os com a pelle do Leão, como quem enxota mosquitos, matou grande numero d'elles, e tornou-se a deixar dormir.

MORALIDADE.

Alciato nos seus emblemas poz esta fabula. Entende por estes a gente te-

meraria, que não medindo suas forças, commette cousas maiores do que elles podem acabar ; e nasce d'aqui que morrem parvoamente, e ficão para sempre affrontados.

FABULA XII.

O Caçador e a Bicha.

Hum Caçador armava laços aos Gaviões, e com a espingarda tambem andava a matar tordos. Succedeo que trazendo o sentido nas arvores, e os olhos, pizou huma Bicha com o pé, sem o saber, a qual o mordeo no calcanhar, de que inchou logo. Estando assim acabando, disse : Morro, e com razão me castigou a Bicha, porque estando na

terra quem podia matar-me, eu me occupava em querer matar os que andavão sobre as nuvens.

MORALIDADE.

Nesta Fabula do Caçador se reprehende a vaidade dos Astrologos, que querem adivinhar as cousas do Ceo, não entendendo, pela maior parte, as da terra, e gastão o tempo em querer com o entendimento caçar, e saber as mortes alheias, e nunca entendem a sua, nem sabem guardar-se della.

FABULA XIII.

A Cigarra e a Andorinha.

A Andorinha criava seus filhos, e buscando-lhes de comer, ton ou huma Ci-

garra no bico. Pedia-lhe ella que a soltasse, e allegava-lhe que erão ambas conformes, porque ambas erão musicas, e ambas cantavão somente pelo Verão. Pois só por isso, disse a Andorinha, porque tu me arremedas, te matara eu, ainda que meus filhos não tiverão necessidade.

MORALIDADE.

Prova-se nesta Fabula que o official de teu officio he teu inimigo.

FABULA XIV.

O Soldado e o Pifano.

Hum Soldado velho aposentado, e enfadado da guerra, por se tirar de occasiões, assentou de queimar todas

as armas que tinha, e pondo-o em effeito, tinha entre ellas hum Pifano, o qual lhe rogava que não quizesse queimalo, dizendo que elle não era arma, nem instrumento de matar ou ferir, pelo que não merecia pena. Tu a mereces maior, respondeo o Soldado, e a ti hei de queimar primeiro, porque não prestando tu para pelejar, atiçavas os outros se matassem na peleja, e logo o queimou com as armas.

MORALIDADE.

Na figura do Pifano se mostra o castigo que merecem alguns cobardes, que servem de urdir brigas com a lingua, e tomão o officio do diabo, tecendo meadas. e incitando a mal, gente

perniciosa na Republica, e que os delictos, que por sua causa se fizessem, devêrão ser castigados em dobro.

FABULA XV.

O Homem e a Burra.

Hum Homem trabalhador cavava em huma horta de noite e de dia em plantar couves e outra hortaliça, e tanto que crescião, mettia dentro huma burra, que não fazia senão comer-lhas, pelo que com todo o seu trabalho cada vez era mais pobre. E queixando-se disto a hum visinho, respondeo-lhe: Vós sois cego. Quanto trabalhais vos come a burra. Trabalhai menos, e guardai della vossa hortaliça, luzir-vos-ha o trabalho.

MORALIDADE.

Nesta Fabula se pinta o que acontece ao homem amancebado, ou casado com mulher esperdiçada. Cava e súa, e ella lhe consome tudo. Do que o visinho lhe aconselhava podemos aprender a fugir de más mulheres, e olharem por suas fazendas os que as tem proprias e desbaratadas, se queremos que nos luza o que trabalhamos.

FIM.

TABOA.

FABULA I. *O Gallo e a Perola.* 23
II. *O Lobo e o Cordeiro.* 25
III. *O Lobo e as Ovelhas.* 27
IV. *O Rei dos Bugios e dous Homens.* 29
V. *A Andorinha e outras Aves.* 31
VI. *O Rato e a Rã.* 32
VII. *O Ladrão e o Cão de casa.* 34
VIII. *O Cão e a Ovelha.* 36
IX. *O Cão e a Carne.* 38
X. *A Mosca sobre a Carreta.* 39
XI. *O Cão e a Imagem.* 40
XII. *O Leão, Vaca, Cabra e Ovelha.* 42
XIII. *O Casamento do Sol.* 44
XIV. *O Homem e a Doninha.* 45
XV. *A Bogia e a Rapoza.* 47
XVI. *Juno e o Pavão.* 49
XVII *O Lobo e o Grou.* 51
XVIII. *As duas Cadellas.* 53
XIX. *O Homem e a Cobra.* 54
XX. *O Asno e o Leão.* 56
XXI. *O Rato Cidadão e o Montezinho.* 58
XXII. *A Aguia e a Raposa.* 60

XXIII. *O Gallo e a Raposa.* 62
XXIV. *O Bezerro e o Labrador.* 64
XXV. *O Lobo e o Cão.* 66
XXVI. *Os Membros e o Corpo.* 68
XXVII. *A Aguia e a Corexa.* 70
XXVIII. *A Raposa e o Corvo.* 72
XXIX. *O Leão e os outros Animaes.* 74
XXX. *As Rãs e Jupiter.* 76
XXXI. *As Pombas e o Falcão.* 78
XXXII. *O Parto da Terra.* 80
XXXIII. *O Galgo velho e seu amo.* 81
XXXIV. *As Lebres e Rãs.* 83
XXXV. *O Lobo e o Cabrito.* 85
XXXVI. *O Cervo, o Lobo e a Ovelha.* 87
XXXVII. *A Cegonha e a Rapoza.* 88
XXXVIII. *A Gralha e os Pavões.* 90
XXXIX. *A Formiga e a Mosca.* 91
XL. *A Rã e o Touro.* 93
XLI. *O Cavallo e o Leão.* 95
XLII. *As Aves e o Morcego.* 97
XLIII. *O Cavallo e o Asno.* 98
XLIV. *O Falcão e o Rouxinol.* 100
XLV. *As Arvores e o Machado.* 101
XLVI. *O Asno e o Mercador.* 103
XLVII. *O Rato e a Doninha.* 104
XLVIII. *A Rapoza e as Uvas.* 106
XLIX. *O Pastor e o Lobo.* 108
L. *O Asno e a Cachorrinha.* 110

LI. *O Leão e o Rato.* 111
LII. *O Milhano e sua Mãe.* 113
LIII. *A Porca e o Lobo.* 115
LIV. *O Velho e a Mosca.* 116
LV. *O Cordeiro e o Lobo.* 118
LVI. *O Homem pobre e a Cobra.* 120
LVII. *O Bogio, o Lobo e a Rapoza.* 122
LVIII. *A Faia e a Cananoura.* 123
LIX. *A Formiga e a Cigarra.* 125
LX. *O Caminhante e a Espada.* 127
LXI. *O Asno e o Leão.* 128
LXII. *A Gralha e a Ovelha.* 130
LXIII. *O Boi e o Veado.* 132
LXIV. *O Homem e o Leão.* 134
LXV. *O Lobo e a Rapoza.* 136
LXVI. *O Leão e outros Animaes.* 137
LXVII. *O Veado e o Caçador.* 139
LXVIII. *A Bicha e a Lima.* 141
LXIX. *Os Carneiros e Carniceiro.* 142
LXX. *O Lobo e o Asno doente.* 144
LXXI. *A Pulga e o Camelo.* 146
LXXII. *O Caçador e as Aves.* 147
LXXIII. *O Cervo e o Cavallo.* 149
LXXIV. *O Buitre e mais Passaros.* 150
LXXV. *A Raposa e o Leão.* 152
LXXVI. *O Carneiro grande e Pequenos.* 154
LXXVII. *O Leão e o Homem.* 155

SUPPLEMENTO.

FABULA I. *A Panella de barro ea de cobre.* 157
II. *O Aspide e seu Hospede.* 159
III. *O Cão e seu Dono.* 160
IV. *A Raposa e a Doninha.* 161
V. *A Nora e a Sogra.* 162
VI. *O Asno e a Cobra.* 164
VII. *O Corvo e o Escorpião.* 165
VIII. *O Ladrão e o Anjo.* 166
IX. *A Bicha e o Cabrito.* 168
X. *A Rapoza e o Leão.* 169
XI. *Hercules e os Pigmeos.* 171
XII. *O Caçador e a Bicha.* 172
XIII. *A Cigarra e a Andorinha.* 173
XIV. *O Soldado e o Pifano.* 174
XV. *O Homem e a Burra.* 176

DEVOCIONARIOS.

Alma penitente ou Novo Pensa-o bem; Considerações sobre as verdades eternas, com historias e exemplos. 1 vol. em 18.

Imitaçaõ de Christo. 1 vol. em 18 com 7 est.

Instrucções para tranquillizar as almas timoratas em suas duvidas, e viver christãmente no mundo, extrahidas dos Santos mais illustrados, e principalmente de S. Francisco de Sales, pelo R. P. Carlos José Quadrupani Bernabita, traduzidas da 33ª edição italiana. 1 vol. em 18.

Manual christaõ ou Santas Reflexões para todos os dias do mez, por Fenelon, arcebispo de Cambraia, seguidas do Exercicio quotidiano, do Officio da Santa Missa e de varias Orações para antes e depois da Confissão e Communhão. 1 vol. em 32 com est.

Mez de Maria ou Devoção a Maria santissima, com hum exercicio para o Santo Sacrificio da Missa e hum modo de rezar e offerecer o Santo Rosario. 1 vol. em 32 com est.

Caminho do Ceo; Considerações sobre as maximas eternas e sobre os sagrados mysterios da Paixão de Christo nosso Senhor para cada dia do mez. 1 vol. em 18 com est.

Novissimo Exercicio quotidiano para a manhã e a noite, e para a Confissão e Communhão, seguido d'hum Exercicio para o Santo Sacrificio da Missa. Obra enriquecida com muitas orações e praticas devotas que a fazem a mais completa no seu genero. 1 v. em 32 est.

Officio da Semana Santa, com o methodo de andar as estações; e meditações sobre a nossa Redempção, etc., etc. 1 vol. em 18 com 8 est.

Ordem da Santa Missa, com o Officio de N. Senhora, o Officio do Domingo a Visperas e Completas, os sete Psalmos penitenciaes, etc., etc. 1 vol. em 18.

Philosophia do verdadeiro Christaõ, intitulada Pensa-o bem. Contem hum modo facil, breve e seguro para cada hum se salvar. 1 vol. em 18.

Visitas ao Santissimo Sacramento e a Maria Santissima, para todos os dias do mez, por S. Afonso de Liguori. 1 vol. em 32 com est.

Compendio da Historia sagrada, com as Provas da Religião, por perguntas e respostas para uso das escolas. 1 vol. em 18.

Pequeno Cathechismo historico que contem a Historia santa e a Doctrina christã. 1 vol. em 18.